

Dar Testemunho da Verdade no Tempo do Fim

20

**GRAVADO
NA PEDRA**

Quem foi o
último rei de
Babilónia?

25

**OLHOS
NOS OLHOS**

Júlio Carlos
Santos

40

ESPAÇO JOVEM

Regras *versus*
Princípios

PUBLICADORA SERVIR
ABRIL 2025
N. 935 | ANO 86



“Eis que cedo venho.” A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S.A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Ligação Visual

Casais de S. Martinho – Jerumelo

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
30	<u>31</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
<u>6</u>	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	<u>11</u>	<u>12</u>
<u>13</u>	<u>14</u>	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	<u>18</u>	<u>19</u>
<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	<u>25</u>	<u>26</u>
<u>27</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4-6 MAPAS (MINISTÉRIO ADVENTISTA PARA ADULTOS SOLTEIROS)

5 e 6 ENCONTRO NACIONAL DE LÍDERES JA

12 ENCONTRO NACIONAL DE ANCIÃOS

12-19 CAMPANHA NT – PÁSCOA

13 FORMAÇÃO SAL (ZOOM)

17-20 ACAMPAMENTOS REGIONAIS

24-27 FORMAÇÃO DE LÍDERES DOS MINISTÉRIOS DA FAMÍLIA

28 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

31/3-4/4 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA ALEMÃ (SWU)

7-11 REUNIÃO DA PRIMAVERA DA CONFERÊNCIA GERAL (CG)

14-18 UNIÃO ESPANHOLA (SPU)

21-25 CLÍNICA LA LIGNIÈRE, EM GLAND (EUD)

28/4-2/5 ASSOCIAÇÃO CENTRAL RENANA (SGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[14] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[27] DOMINGO

maio

D	S	T	Q	Q	S	S
27	28	29	30	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>
<u>4</u>	<u>5</u>	<u>6</u>	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>
<u>11</u>	<u>12</u>	<u>13</u>	<u>14</u>	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>
18	<u>19</u>	<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>
<u>25</u>	<u>26</u>	<u>27</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>31</u>

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1 e 2 ASSEMBLEIA-GERAL EXTRAORDINÁRIA DE COMUNIDADES

4 FORMAÇÃO SAL

10 e 11 EFJA NÍVEL I (NORTE E CENTRO)

17 ASSEMBLEIA ESPIRITUAL

23-25 ENCONTRO NACIONAL DE MÚSICOS

24 DIA DA ÊNFASE DA ADRA

25-31 CAMPANHA NACIONAL DE SOLIDARIEDADE – ADRA

25 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

31/5-1/6 EFJA NÍVEL I (LISBOA E SUL)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

5-9 ASSOCIAÇÃO MORÁVIA-SILÉ-SIA (CSU)

12-16 CASA PUBLICADORA ITALIANA EDIZIONI ADV (ITA)

19-23 REUNIÃO DE PRIMAVERA DA EUD (EUD)

26-30 CASA PUBLICADORA FRANCESA VIE ET SANTÉ (FBU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[12] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

“Luz nas Trevas”

05

ATUALIDADE

Em Deus confiamos?

Uma perspectiva bíblica sobre a vitória de Donald Trump.

10

TEOLOGIA

Dar testemunho da verdade no tempo do fim

Os eventos finais e a importância crucial de se estar preparado.

20

GRAVADO NA PEDRA

Quem foi o último rei de Babilónia?

Uma prova conclusiva da autenticidade histórica do livro de Daniel.

25

OLHOS NOS OLHOS

Júlio Carlos Santos

Um homem com um percurso de vida inspirador!

31

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Novo Currículo da Escola Sabatina “Vivos em Jesus”

Fique a conhecer o novo currículo da Escola Sabatina infantil.

34

HISTÓRIA ADVENTISTA

Origens do Adventismo na Região Norte de Portugal (Parte III)

A continuação da saga do nascimento do Adventismo no Norte.

40

ESPAÇO JOVEM

Regras versus Princípios

É importante que se compreenda esta distinção essencial.

44

PÁGINA DA FAMÍLIA

“Tom e Jerry”

Lições da famosa série de desenhos animados.

46

HERÓIS DA BÍBLIA

Ana, a mãe de Samuel

Fica a saber como o desejo de uma mãe pode influenciar uma nação.

48

NOTÍCIAS

Fique a par das notícias da sua Igreja.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

“Luz nas Trevas”

“O povo que andava em trevas viu uma grande luz; e sobre os que habitavam na terra da sombra da morte resplandeceu a luz” (Isaías 9:2).

O mundo está, em muitos sentidos, mergulhado em trevas. Trevas de desespero, solidão, indiferença, incredulidade... Mas é precisamente nestes contextos que a luz do Evangelho brilha com mais intensidade.

“Com o típico paralelismo hebraico, o profeta [Isaías] descreveu o efeito do Messias nesta parte do Norte de Israel. O povo estava nas trevas (cf. 8:22) e na sombra da morte. Viram então uma grande luz, e a luz... raiou sobre eles. Mateus aplicou esta passagem a Jesus, que iniciou o Seu ministério de pregação e cura naquela região (Mateus 4:15 e 16).”¹

Isaías falou de um povo que caminhava em trevas, mas que viu uma grande luz. Essa luz é Cristo. Ele é a Esperança para quem perdeu o rumo, a Paz para quem vive em conflito, a Mão estendida para quem caiu.

A missão a que fomos chamados não depende das nossas forças nem da ausência de dificuldades. Deus continua a usar instrumentos simples, frágeis e, por vezes, marcados pela dor, para levar luz aos outros.

“Aqueles que são indiferentes com respeito a trazer palavras e pensamentos e ações em harmonia com Cristo nunca entrarão pelos portões da Cidade de Deus. Preciosos resultados seguir-se-ão aos esforços empreendidos a partir de sincero amor por Cristo. O Senhor apela ao Seu povo para assumir a obra a que Ele o tem chamado desde o princípio.”²

Permita que a luz de Cristo brilhe em si, e através de si! Que a sua vida seja uma tocha acesa nas mãos de Deus, que ilumina caminhos, que aquece corações e que aponta para a bendita esperança da breve vinda de Jesus.

Aceita o desafio de ser luz?

Pense: Existe alguém perto de si que precise dessa claridade?

Que cada gesto, cada palavra e cada atitude seus sejam um reflexo da luz de Cristo – até que Ele venha!

1

John A. Martin, “Isaiah”, in *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, org. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), pp. 1052 e 1053.

2

Ellen G. White, *Olhando para o Alto* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982), p. 339.

—
Mark Hadley
Jornalista

*Retirado e adaptado
da revista Signs of
the Times australiana
de outubro de 2024.*



Em Deus confiamos?

O potencial para se compreender mal a relação entre a Igreja e o poder político tem existido no coração do Cristianismo desde o seu início.

“Em Deus confiamos” (*In God we trust*) é o mote oficial dos Estados Unidos da América. Isso pode parecer surpreendente dada a determinação desta nação em preservar, desde o seu início, a separação entre a religião e a autoridade política. No entanto, durante a Guerra Civil Norte-Americana, o governo do Presidente Abraham Lincoln decidiu colocar nas mãos de cada cidadão um lembrete da profunda relação do país com a fé cristã.

Em 1864, em resposta aos apelos de muitos líderes religiosos, o mote foi cunhado na nova moeda de dois centavos. Desde então, tem aparecido em numerosos contextos governamentais. Durante uma recente viagem de trabalho aos EUA, até o *vi* gravado em placas de matrícula. Contudo, ao mesmo tempo, grupos de pressão seculares procuram remover qualquer conexão entre a Igreja e o Estado, incluindo nas moedas. “Em Deus confiamos” existe agora como um lembrete da relação difícil entre o poder, a fé e a política.

Recentemente, foi exibido um filme distópico que parece ter mais potencial para ser realizado no mundo real do que qualquer filme de *zombies* anteriormente filmado. *Guerra Civil* (*Civil War*), escrito e dirigido por Alex Garland, imagina o que aconteceria, se as tensões políticas escalassem ao ponto de mergulharem os EUA num conflito interno. Neste filme, um Presidente ditatorial, personificado pelo ator Nick Offerman, declara à nação que está preparado para empunhar armas contra o seu próprio povo em resultado do seu dever sagrado “para com esta terra, para com esta nação e para com Deus”. E, usando pou-

cas palavras, ele alista o Todo-Poderoso como fonte e justificação das suas ações políticas.

Os atuais Estados Unidos da América não estão claramente num estado de guerra civil, por maiores que sejam as tensões entre Republicanos e Democratas. Porém, o filme remete para a relação doentia que se forma quando o Cristianismo se alinha com o poder político. Tome-se como exemplo o atual Presidente Donald Trump.

A Igreja de Trump

Trump tem desfrutado de amplo apoio entre os Cristãos americanos, especialmente entre os Evangélicos, desde os primeiros dias da sua carreira política. Os Cristãos conservadores viram na sua candidatura uma possibilidade de verem realizada a sua agenda social. Em resultado disso, um Pastor após outro tem-se alinhado para orar pelo sucesso de Trump e tem encorajado os seus seguidores a tornarem-se apoiantes de Trump.

O *Pew Research Center* reportou que, em 2016, 81 por cento dos Evangélicos americanos elegeram Donald Trump como o 45º Presidente dos Estados Unidos da América (embora as suas razões para isso não sejam simples). Isto representou a maior participação dos Evangélicos nos últimos vinte anos. Quatro anos depois, os comentadores políticos esperaram para ver se as sondagens mudariam, devido ao julgamento de destituição de Trump, às alegações de má conduta sexual da sua parte e à tempestade de postagens controversas nas redes sociais. A resposta, segundo a pesquisa da *LSE Religion and Global Society*, foi um sonoro “não”.





Trump tem desfrutado de amplo apoio entre os Cristãos Americanos, especialmente entre os Evangélicos, desde os primeiros dias da sua carreira política.

As sondagens à boca das urnas realizadas na eleição de 2020 estimaram que entre 76 e 81 por cento dos Evangélicos votaram no Presidente Trump.

Katie Gaddini, Socióloga e Professora do *University College* de Londres, diz que “a aprovação evangélica da pessoa de Trump permaneceu elevada durante toda a sua presidência, em grande medida porque Trump introduziu e defendeu temas sociais que os Evangélicos consideraram importantes”.

E o que dizer da recente eleição de Trump? Segundo a pesquisa *AP VoteCast* da *Associated Press*, nas recentes eleições presidenciais de 2024, oito em cada 10 Cristãos Evangélicos brancos votaram em Trump. Isto representa, por si só, 20 por cento do eleitorado total dos EUA. Também seis em cada 10

Católicos brancos votaram em Trump, tal como cinco em cada 10 Evangélicos latinos. Assim, não é de estranhar que, nos comícios de Trump, muitos apoiantes usassem *t-shirts* e bonés com a inscrição: “Jesus é o meu Salvador, Trump é o meu Presidente.”

A votação maciça de Cristãos Evangélicos em Trump deveu-se ao facto de este ter prometido concretizar politicamente algumas prioridades dos Evangélicos americanos, como o apoio incondicional a Israel e a recusa total de direitos aos cidadãos transgénero. Importante também terá sido a quase fatal tentativa de assassinato de Trump, em 13 de julho de 2024, que foi interpretada pelos votantes Evangélicos como revelando a proteção especial dada por Deus ao candidato a Presidente.

A sua associação com o poder obteve, sem dúvida, ganhos significativos para o Cristianismo Americano. A decisão do Supremo Tribunal de Justiça de revogar a jurisprudência assente na decisão do caso *Roe versus Wade* removeu o “direito” de a mulher realizar um aborto, o que agradou a muitos Evangélicos. No entanto, em muitos outros aspetos, a dita associação do Cristianismo com o poder político tornou-se numa aliança sem qualquer santidade.

Por desejo de obter influência política, os Cristãos americanos vieram a abraçar os desígnios de um homem muito pouco cristão. E a influência recíproca deste sobre eles resultou nas ímpias cenas passadas no Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. Entre os arruaceiros estavam Cristãos Evangélicos com as suas Bíblias, empunhando cartazes e parando para orar no meio da confusão.

O artigo do jornal *Washington Post* intitulado “Alguns arruaceiros do Capitólio acreditaram que estavam a responder ao apelo de Deus, não apenas ao apelo de Trump” captura o contexto de guerra santa em que alguns Evangélicos pensavam estar a combater. Mas os resultados não nos deveriam surpreender. A História está cheia de exemplos de tragédias que ocorreram quando o Cristianismo se aproximou de mais do poder.

O Cristianismo legalizado

O Imperador romano Constantino acreditava ter visto uma visão de pura luz em forma de cruz, com as palavras “Com este sinal vencerás” inscritas nela. Por esta época, o Cristianismo foi legalizado e recebeu benefícios financeiros significativos, mas também se tornou cúmplice na perseguição aos Judeus.

Carlos Magno, coroado pelo Papa como o primeiro “Santo Imperador Romano”, subjugou o povo saxão pela guerra, pelas execuções em massa e pela deportação, garantindo a sua conversão ao Cristianismo ao usar a ameaça de morte contra aqueles que se recusassem ser batizados.

Os cavaleiros da Primeira Cruzada penetraram nas muralhas de Jerusalém e massacraram milhares de residentes que se tinham refugiado no recinto da Mesquita Al-Aqsa, precipitando muitos destes das muralhas para a morte, no que descreveram como sendo “um juízo de Deus, justo e esplêndido”.

As “Guerras da Religião” Protestantes, a Inquisição Espanhola e as “revoltas” irlandesas fornecem muitos exemplos do que pode acontecer quando os Cristãos procuram realizar pela força o Reino



dos Céus na Terra. Ao comentar o infeliz registo histórico do Cristianismo no seu uso do poder político para se opor às influências das trevas, o teólogo britânico N. T. Wright afirmou: “O perigo está em que, se assumirmos as armas da besta, de modo a nos opormos à besta, também nós nos tornaremos bestiais.”

Uma conquista de amor?

O potencial para se compreender mal a relação entre a Igreja e o poder político tem existido no coração do Cristianismo desde o seu início. A nação judaica em que Jesus nasceu aguardava o surgimento de um Messias que estabelecesse um reino terrestre que conquistaria todas as nações, começando com a odiada Roma. Mesmo os discípulos de Jesus estavam infetados com esta ideia, esperando que o seu Mestre tivesse vindo para estabelecer um reino em que eles pudessem ser governantes. Todavia, a ideia que Jesus tinha do governo que Ele traria transcendia a mera realidade política. Era, na verdade, um triunfo dos destituídos de poder.

Do primeiro ao terceiro séculos, a Igreja de Cristo foi caracterizada tanto



pela perseguição que sofreu por causa das acusações de ateísmo (já que negava a existência dos deuses romanos, para adorar apenas o Deus verdadeiro) como pelo seu amor pelos membros menos afortunados da Sociedade. Por volta do ano 360 d.C., o serviço humilde dos Cristãos tinha-lhes granjeado tanta estima popular que o Imperador apóstata Juliano sentiu a necessidade de ordenar aos seus sacerdotes pagãos que praticassem virtudes similares ou seriam removidos dos seus cargos. “Porque não vemos”, escreveu ele, “que é a benevolência dos Cristãos para com os estranhos, o seu cuidado pelas sepulturas dos mortos e a pretensa santidade da sua vida que mais fizeram para aumentar o Ateísmo [*i.e.*, o Cristianismo]?”

A construção do Reino de Deus não é conseguida por uma maior influência política, mesmo se essa influência tende a reconhecer as exigências de Deus sobre a vida humana. O poder não é o fundamento do trono de Jesus, mas, sim, a humildade.

Segundo o Professor John Dickson, escritor e historiador, “o próprio Jesus entregou aos Seus seguidores apenas qua-

tro ferramentas para construir o Reino e para transformar o mundo, as mesmas ferramentas que Ele empregou: Oração, persuasão, serviço e sofrimento. Quando os Cristãos adicionam o ‘poder político’ de uma forma que desvia da oração, da persuasão, do serviço e do sofrimento, tornam-se menos do que Cristãos”.

Isto deveria surpreender-nos? O teólogo americano John MacArthur indica as Beatitudes que começam o Sermão da Montanha e encontra nelas a Constituição do Reino de Cristo.

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra” (Mateus 5:3-5), e assim por diante. Estas Beatitudes são o melhor aviso para os crentes que queriam herdar a terra de outro modo. O papel da Igreja não é usar o poder, mas, em humildade, anunciar a verdade ao poder. Quando vimos esse papel como um mandato divino para os Cristãos se apoderarem dos instrumentos do poder, encontrar-nos-emos em desacordo com Jesus. Em vez disto, Jesus chama-nos para um exercício que é, em última análise, mais poderoso: “Porém, o maior de entre vós será vosso servo. E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Mateus 23:11 e 12).

O papel da Igreja não é usar o poder, mas, em humildade, anunciar a verdade ao poder.

Dar testemunho da verdade no tempo do fim

Neste artigo, passaremos brevemente em revista o panorama dos eventos finais que, segundo o Espírito de Profecia, teremos de enfrentar, se formos testemunhas da Segunda Vinda de Jesus.



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista



Introdução

Depois de começar a I Guerra Mundial, cerca de 130 Adventistas britânicos foram incorporados nas fileiras do exército. Entre eles encontravam-se catorze jovens estudantes de Teologia do *Stanborough Missionary College*. Eles foram rapidamente enviados para França, onde decorria a guerra. Dado que tinham o estatuto de não-combatentes, os primeiros dezoito meses correram bem. Eles puderam mesmo guardar o Sábado. Mas, em novembro de 1917, houve uma alteração das ordens e os Adventistas deixaram de poder guardar o sétimo dia. Uma vez que eles se recusaram a trabalhar no dia de Deus, foram condenados a seis meses de trabalhos forçados numa prisão militar. Os catorze jovens foram lançados em pequenas celas individuais com as mãos algemadas atrás das costas. Foi-lhes dispensado um tratamento brutal e cruel. Tudo por causa da sua fidelidade a Deus expressa pela observância do Sábado.

Quando chegou a manhã do primeiro Sábado na prisão, os sargentos convocaram individualmente os jovens Adventistas para o trabalho, dizendo a cada um deles que os outros tinham aceitado trabalhar naquele dia. Na verdade, tudo não passava de uma mentira, para os convencer a trabalhar no Sábado. Cada jovem, individualmente, recusou infringir o mandamento do Sábado, mas nenhum deles sabia realmente o que os restantes tinham decidido fazer.

Foi então que, a dado momento, um deles começou a assobiar na cela um conhecido hino Adventista, em-

bora assobiar ou cantar fossem considerados graves insubordinações. De repente, uma voz começou a cantar ao som do hino assobiado e foi apenas uma questão de segundos até que mais vozes comessem a cantar aquele esperançoso hino. Entretanto, os sargentos e os oficiais juntaram-se no corredor da prisão, atónitos, sem saber o que fazer.

Aqueles catorze jovens teriam ainda de suportar alguns meses de tratamento brutal na prisão. Mas, naquela ocasião, o seu espírito e a sua fé foram fortalecidos para enfrentarem a provação. Três meses depois da detenção, todos os jovens Adventistas foram libertados, invencíveis e indomados, firmes na sua fidelidade a Deus e ao Seu Sábado.

Não é novidade para ninguém que o mundo enfrenta tempos muito difíceis. As ferozes guerras em curso, as múltiplas catástrofes causadas pelas alterações climáticas, o aumento da instabilidade social e dos conflitos político-religiosos em muitos países proclamam que o mundo se dirige para uma estúpida crise. A Humanidade interroga-se sobre o futuro, mas nós conhecemos os tempos. De facto, a Igreja Adventista do Sétimo Dia possui um amplo conhecimento sobre o panorama dos acontecimentos vindouros que encerrarão a história

Não é novidade para ninguém que o mundo enfrenta tempos muito difíceis!

do nosso mundo, graças à informação profética fornecida pela Bíblia e pelo Espírito de Profecia. Nós sabemos que, enquanto Adventistas, em breve seremos envolvidos nos eventos finais, sendo chamados a defender a Lei de Deus ultrajada e a dar as razões bíblicas da nossa fé. Tal como aconteceu em crises passadas, teremos de suportar a perseguição com fé e com um pleno conhecimento dos fundamentos bíblicos das nossas crenças.

Neste artigo, passaremos brevemente em revista o panorama dos eventos finais que, segundo o Espírito de Profecia, teremos de enfrentar, se formos testemunhas da Segunda Vinda de Jesus. Por fim, apresentaremos também os alertas que Ellen G. White nos transmite sobre a nossa necessidade de preparação para o conflito final que está diante de nós.

Primeira Parte: **O Cenário do Tempo do Fim** **até à Cessação do Tempo da Graça**

Uma Reforma Espiritual: **A Mensagem a Laodiceia**

O Espírito de Profecia prevê que, no tempo do fim, ocorrerá entre o povo de Deus, espalhado por todo o mundo, um grande movimento de reforma e de reavivamento espirituais em resposta ao apelo do Senhor (*Testemunhos Seletos*, 1954, vol. 3, p. 441). Este movimento espiritual entre o povo de Deus poderá, muito provavelmente, começar *antes* da saída do decreto dominical nos Estados Unidos da América e resultará da proclamação e da aceitação da mensagem da Testemu-

nha Fiel à igreja de Laodiceia (Apocalipse 3:14-22). Esta mensagem produzirá entre a maioria dos crentes um espírito de sincero arrependimento, de confissão, de abandono do pecado e de aceitação da justiça de Cristo. Todos os que aceitarem esta mensagem de advertência experimentarão uma verdadeira conversão e entregar-se-ão inteiramente a Deus.

Segundo Ellen G. White, a mensagem a Laodiceia está “destinada a despertar o povo de Deus, a denunciar-lhes a apostasia e a levá-los a um zeloso arrependimento, a fim de que muitos pudessem ser favorecidos com a presença de Jesus e estar preparados para o alto clamor do terceiro anjo” (*Testemunhos para a Igreja*, 1999, vol. 1, p. 186). Assim, esta reforma espiritual será crucial para o desenrolar dos eventos finais. Ela marca o início da ação do Espírito Santo sobre o povo de Deus no quadro do cenário do tempo do fim. No entanto, uma parte dos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia não só não aceitará como se oporá à mensagem a Laodiceia e isso levará, como veremos, a um processo de seleção na Igreja caracterizado como sendo “a sacudidura” do povo de Deus (*Testemunhos para a Igreja*, 1999, vol. 1, p. 181). Mas antes disso terá de ocorrer o selamento dos verdadeiros crentes.

O Selamento

Na sequência da proclamação da mensagem a Laodiceia, ocorrerá um processo espiritual de selamento na verdade. Esta operação consiste na fixação dos princípios do Decálogo –

incluindo o seu quarto mandamento – na vida dos crentes que aceitaram a mensagem de Cristo a Laodiceia. Este processo de selamento espiritual fixa na vida os princípios da Lei de Deus, nomeadamente no tocante à observância do Sábado no meio da mais feroz perseguição. Prepara assim os justos para passarem incólumes pelo tempo de angústia – quando estarão sem Intercessor – sem incorrerem em pecado. Portanto, preserva-os da destruição final que virá sobre os ímpios.

Este processo de selamento espiritual é simbolicamente descrito em Apocalipse 7:1-4. Trata-se, pois, de uma confirmação dos crentes na verdade, tanto intelectual como espiritualmente, de tal forma que não possam ser abalados. Logo que os filhos de Deus estiverem

O selamento é o estabelecimento definitivo do crente na verdade bíblica e a fixação permanente dos princípios do Decálogo na sua vida.



selados, virá a sacudidura (*Manuscrito 173*, 1902). O selamento aplicar-se-á àqueles que se recusarem a receber o sinal da besta (*Testemunhos Seletos*, 1954, vol. 2, p. 151).

Portanto, o selamento é o estabelecimento definitivo do crente na verdade bíblica e a fixação permanente dos princípios do Decálogo na sua vida. Nomeadamente, o princípio de obediência ao quarto mandamento, que funciona como selo de Deus. De facto, o selo de Deus recebido pelos salvos é revelado na fiel observância do Sábado (*Testemunhos Seletos*, 1954, vol. 3, p. 232). Todos os que receberão o selo de Deus e que serão protegidos no tempo de angústia refletirão completamente a imagem de Jesus (*Primeiros Escritos*, 2007, p. 71). Depois do selamento, cairá sobre o povo de Deus selado a chuva serôdia (*Testemunhos Seletos*, 1954, vol. 2, p. 69).

A Chuva Serôdia

Após o selamento – e para o confirmar –, ocorrerá o derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja selada. Esta fase dos eventos finais é conhecida como sendo a queda da “chuva serôdia”. Trata-se de um dos acontecimentos mais importantes da história da Igreja Cristã. Ele ocorrerá quando a maior parte dos Adventistas do Sétimo Dia tiver passado pela reforma espiritual resultante da proclamação da mensagem a Laodiceia. O derramamento da chuva serôdia do Espírito Santo vem preparar a Igreja Remanescente para a poderosa proclamação final do Evangelho eterno. Prepara também os crentes para que sejam ca-



Graças ao derramamento do Espírito Santo, os justos terão poder para proclamar a mensagem final do alto clamor, operando milagres e maravilhas.

pazes de atravessar incólumes o tempo de angústia (*Primeiros Escritos*, 2007, p. 85). Para receberem a chuva serôdia do Espírito Santo, os verdadeiros crentes devem ter passado com sucesso pela reforma espiritual e pelo selamento. Graças ao derramamento do Espírito Santo, os justos terão poder para proclamar a mensagem final do alto clamor, operando milagres e maravilhas (*O Grande Conflito*, P. SerVir, 2022, p. 423).

A Sacudidura

Em simultâneo com a reforma espiritual da Igreja Remanescente, com o selamento e com o derramamento da chuva serôdia ocorrerá uma provação especial porque passarão todos os Adventistas do Sétimo Dia. Trata-se da sacudidura espiritual. Esta sacudidura será uma seleção escrutinadora que re-

sultará de vários fatores, entre os quais se destacam a falta de aceitação da mensagem de Jesus à igreja de Laodiceia (*Primeiros Escritos*, 2007, p. 270), a apostasia devido à aceitação de falsas doutrinas e de heresias (*Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 1964, p. 112) e a perseguição resultante da aplicação do decreto dominical em todo o mundo (*Testemunhos Seletos*, 1954, vol. 2, p. 31; *Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, 1999, pp. 80 e 81).

O resultado da sacudidura será a apostasia de um número indeterminado, mas certamente substancial, de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Muitos destes apóstatas tornar-se-ão nos piores inimigos do povo de Deus. No entanto, Ellen G. White escreve: “A Igreja talvez pareça como prestes a cair, mas não cairá. Ela permanece, ao passo que os pecadores de Sião serão lançados fora no joeiramento” (*Mensagens Escolhidas*, 1967, vol. 2, p. 380). Portanto, quando a sacudidura ocorrer, o decreto dominical mundial já estará em vigor, levando aos primeiros movimentos de perseguição ao povo de Deus que observa fielmente o Sábado.

O Alto Clamor

Depois de ter experimentado o reavivamento e a reforma espirituais, o selamento e a sacudidura, a Igreja

Remanescente, movida pelo poder do Espírito Santo derramado sobre ela na chuva serôdia, lançar-se-á na última proclamação da Verdade Presente a todo o mundo (veja-se Apocalipse 18:1-24). A Terra será iluminada com a glória desta proclamação final. Trata-se do “alto clamor”. Num período breve, a tarefa de levar o Evangelho eterno ao mundo será concluída pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os pecados de Babilónia serão desmascarados. Milhares de milhões de seres humanos ouvirão esta mensagem final. A obra prosseguirá com poder cada vez maior, até que toda a Humanidade seja advertida (*Testemunhos Seletos*, 1954, vol. 3, p. 332; Mateus 24:14).

Em resultado do alto clamor, um elevado número de homens e de mulheres aceitará a mensagem da Igreja Remanescente (*O Grande Conflito*, P. SerVir, 2022, p. 423). Este alto clamor ocorrerá já no quadro da crescente implementação do decreto dominical mundial e do princípio da perseguição (*Testemunhos para a Igreja*, 1999, vol. 6, p. 401). Ellen G. White diz-nos que “a obra progredirá mais e mais até que a Terra inteira seja advertida; então virá o fim” (*Testemunhos Seletos*, 1954, vol. 3, p. 332).

Em resultado do alto clamor, um elevado número de homens e de mulheres aceitará a mensagem da Igreja Remanescente.

A Perseguição no Prévio Tempo de Angústia

De facto, o severo agravamento das catástrofes naturais de todos os tipos terá levado os Estados Unidos da América a promulgarem um decreto dominical federal que imporá a observância do domingo como Dia Nacional de Culto. Num curto espaço de tempo, as restantes nações do mundo promulgarão decretos semelhantes (*Testemunhos Seletos*, 1954, vol. 2, p. 373). Será a imposição deste decreto à escala mundial que criará as condições para uma crescente perseguição aos Adventistas do Sétimo Dia. Primeiro, nos Estados Unidos da América e, depois, em todo o mundo.

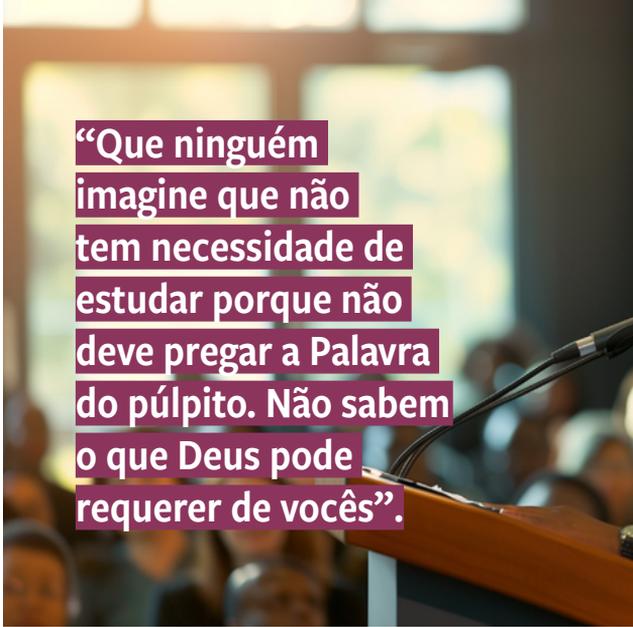
A perseguição será movida pelos Estados nacionais, sob a direção espiritual da tripla aliança religiosa estabelecida entre o Protestantismo, o Catholicismo e o Espiritismo. Os Adventistas do Sétimo Dia serão caluniados, zombados e alegadamente refutados pelas autoridades religiosas, usando estas todos os Meios de Comunicação Social para esse efeito (*Testemunhos Seletos*, 1954, vol. 2, p. 164). Os crentes serão levados perante tribunais e concílios, sendo acusados de traição contra o Estado. Finalmente, serão condenados a perderem o direito cívico de comprar e vender (Apocalipse 13:16 e 17). Alguns serão presos e outros serão martirizados às mãos da população, instigada pelos líderes religiosos, pois serão considerados responsáveis pelo agravamento das catástrofes naturais que desestabilizam severamente o mundo (*O Grande Conflito*, P. SerVir, 2022, pp. 407 e 408, 425).

À medida que se agravar a perseguição e for terminada a proclamação do alto clamor, o povo de Deus dispersar-se-á. Os Adventistas do Sétimo Dia sairão primeiro das grandes cidades e, depois, das pequenas localidades, procurando refúgio nos lugares inóspitos da Terra.

Dado que se recusarão a abandonar o Sábado em prol do domingo, será finalmente emitido um decreto mundial que os condenará à morte (Apocalipse 13:15; *O Grande Conflito*, P. SerVir, 2022, p. 425). Mas, quando se aproximar a data da efetivação do referido decreto de morte, Deus intervirá poderosamente e salvará os crentes que Lhe permanecerem fiéis. Ocorrerá então a gloriosa Segunda Vinda de Jesus.

Segunda Parte: O Testemunho Individual no Tempo do Fim

Este cenário do tempo do fim e dos eventos finais já não está muito distante de nós. Os crentes da nossa geração “foram postos no mundo como vigias e portadores de luz” (*Last Day Events*, p. 45). É muito provável que venhamos a viver os eventos finais e, assim, que sejamos chamados a dar o nosso testemunho pessoal para defendermos a fé em que cremos. Ellen G. White declara explicitamente que “não nos parece possível agora que qualquer um de nós tenha de se apresentar só, mas, se Deus falou efetivamente por mim, virá o tempo em que seremos trazidos perante concílios e perante milhares de pessoas por causa do Seu nome, e cada um de nós terá de apresentar as razões da sua fé. Depois virá a mais severa crí-



“Que ninguém imagine que não tem necessidade de estudar porque não deve pregar a Palavra do púlpito. Não sabem o que Deus pode requerer de vocês”.

tica contra todas as posições que foram tomadas em favor da verdade. Portanto, precisamos de estudar a Palavra de Deus, para que possamos conhecer a razão por que cremos nas doutrinas que advogamos” (*Last Day Events*, p. 209). E ela continua: “Muitos terão de se apresentar em tribunais; alguns terão de se apresentar perante reis e perante os eruditos da Terra para responderem pela sua fé. Aqueles que têm apenas uma compreensão superficial da verdade não serão capazes de expor claramente as Escrituras e dar razões definidas para a sua fé. Eles ficarão confusos e não serão como os obreiros que não têm do que se envergonhar. Que ninguém imagine que não tem necessidade de estudar porque não deve pregar a Palavra do púlpito. Não sabem o que Deus pode requerer de vocês” (*Last Day Events*, p. 209).

Portanto, fica claro que os crentes Adventistas do Sétimo Dia terão necessidade de uma eficaz preparação prévia, que os capacite para apresentarem as razões bíblicas da sua fé. Ellen



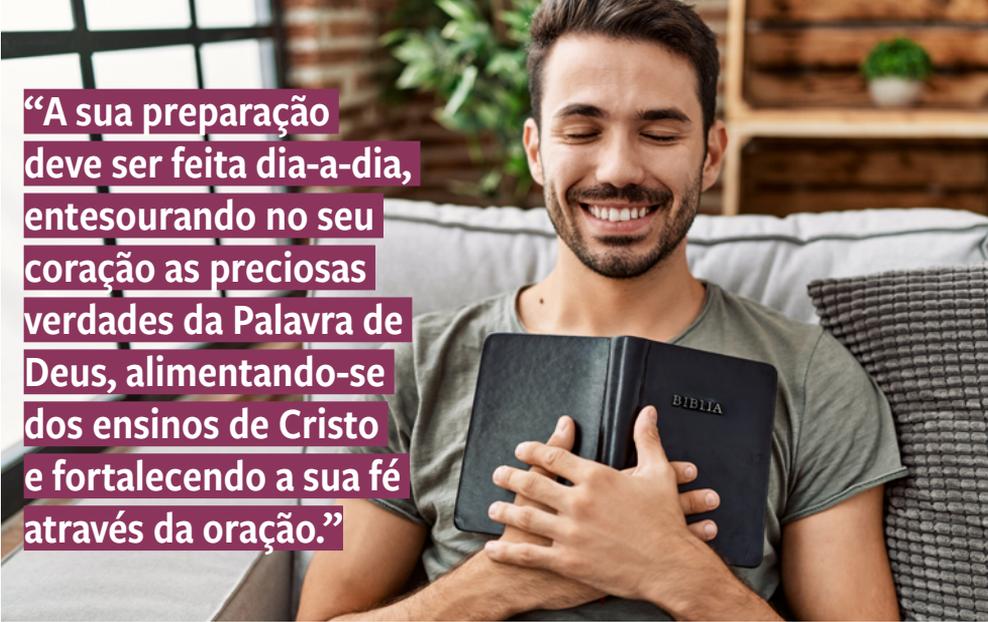
G. White sublinha este aspeto da preparação bíblica que é necessária para o povo de Deus. Ela escreveu: “Os Cristãos devem estar a preparar-se para o que, em breve, virá sobre o mundo como uma esmagadora surpresa, e esta preparação deve ser feita por eles pelo estudo diligente da Palavra de Deus e pelo esforço de moldarem a sua vida segundo os seus preceitos” (*Last Day Events*, p. 66). “Apenas aqueles que têm sido estudantes diligentes das Escrituras e que têm recebido o amor da verdade serão escudados do poderoso engano que levará cativo o mundo” (*Last Day Events*, p. 66). “O nosso povo necessita de compreender os oráculos de Deus; precisa de ter um conhecimento sistemático dos princípios da verdade revelada, os quais o prepararão para o que está para vir sobre a Terra e o impedirão de ser desviado por qualquer vento de doutrina” (*Last Day Events*, p. 66).

Infelizmente, está previsto que esta preparação bíblica prévia não será uma realidade para uma parte do professo povo de Deus. Por falta de estudo

prévio, alguns mostrarão a debilidade do seu conhecimento bíblico. E isso poderá ser fatal. Ellen G. White declara a propósito: “Quando o tempo de prova vier, há homens que agora pregam a outros que descobrirão, depois de examinarem as posições que defendem, haver muitas coisas para as quais eles não podem oferecer uma razão satisfatória. Até terem sido assim testados, não sabiam da sua grande ignorância. E há muitos na Igreja que dão por assumido que compreendem aquilo em que creem, mas que, até que se levante a controvérsia, desconhecem a sua fraqueza. Quando separados dos que têm fé semelhante e obrigados a apresentarem-se isolados e sós para explicar as suas crenças, ficarão surpreendidos ao verem quão confusas são as suas ideias do que aceitaram como sendo a verdade” (*Last Day Events*, p. 70).

Também fica claro que os verdadeiros crentes deverão conhecer bem a Bíblia para poderem enfrentar os enganamentos satânicos no tempo do fim. Este é um aspeto crucial do combate final contra o erro. Ellen G. White enfatiza a necessidade de se possuir um conhecimento bíblico sólido a partir de uma forte preparação prévia. Ela escreveu: “Os servos de Cristo não devem preparar um discurso previamente feito

Também fica claro que os verdadeiros crentes deverão conhecer bem a Bíblia para poderem enfrentar os enganamentos satânicos no tempo do fim!



“A sua preparação deve ser feita dia-a-dia, entesourando no seu coração as preciosas verdades da Palavra de Deus, alimentando-se dos ensinamentos de Cristo e fortalecendo a sua fé através da oração.”

quando forem julgados pela sua fé. A sua preparação deve ser feita dia-a-dia, entesourando no seu coração as preciosas verdades da Palavra de Deus, alimentando-se dos ensinamentos de Cristo e fortalecendo a sua fé através da oração. Então, quando trazidos a juízo, o Espírito Santo lembrá-los-á das verdades que alcançarão o coração dos que os vierem ouvir. Deus irá fazer cintilar na sua memória, exatamente no tempo em que ele é necessário, o conhecimento que obtiveram por diligente pesquisa das Escrituras” (*Last Day Events*, p. 69).

Conclusão

Portanto, torna-se evidente a necessidade que nós, Adventistas do Sétimo Dia, temos de estar preparados para os desafios dos tempos em que vivemos, que poderão culminar no cenário do tempo do fim descrito pela Bíblia e pelo Espírito de Profecia. Devemos conhecer bem as principais doutrinas bíblicas sustentadas pela nossa Igreja.

Mas, como poderemos obter tal conhecimento de um modo rápido e

eficaz? Foi a pensar nesta necessidade de potenciar o conhecimento teológico *essencial* do nosso povo que o autor destas linhas foi levado a preparar uma obra sucinta e objetiva que possa fornecer o conhecimento essencial sobre as *doutrinas distintivas* da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Este livro foi concebido para comunicar claramente tudo o que é *essencial* conhecer em termos de doutrinas bíblicas, de modo a sermos capazes de dar eficazmente as razões da nossa fé Adventista.

Estou a referir-me ao livro *Maranatha!*, publicado recentemente pela Publicadora SerVir. Este pequeno livro poderá fazer a diferença na sua vida espiritual e ser um elemento essencial para a sua preparação como Adventista do Sétimo Dia capaz de dar as razões bíblicas da sua fé nos tempos conturbados que se avizinham.

Que Deus nos ajude a prepararmo-nos adequadamente, usando as ferramentas que o Espírito de Deus coloca ao nosso dispor, de modo a permanecermos fiéis até ao fim!



COLEÇÃO

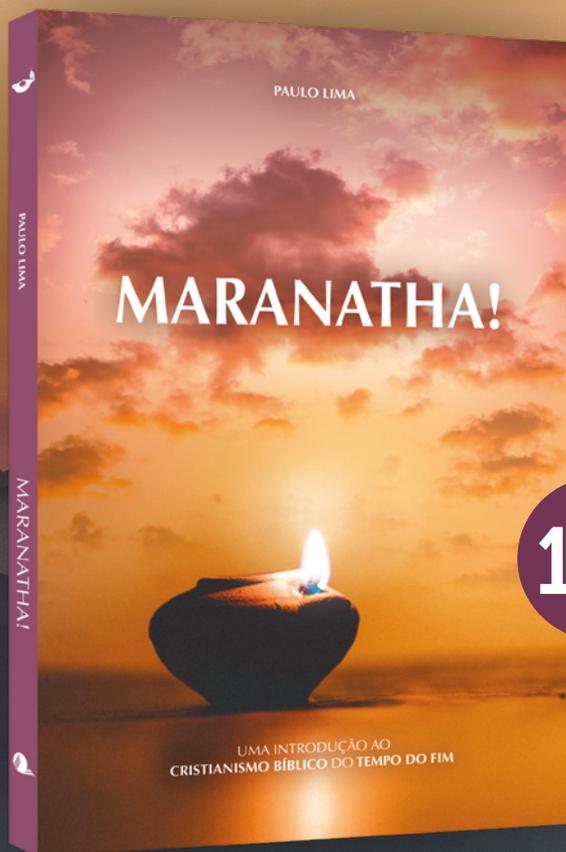
Luminares de fé



AUTOR:

Paulo Lima

Já disponível!



12€

 PUBLICADORA SERVIR



COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00
E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870



Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra



GRAVADO NA PEDRA

Quem foi o último rei de Babilónia?

Uma das questões que se coloca na discussão sobre a sucessão de acontecimentos que precederam a queda do Império Babilónico reside na identificação do soberano que reinava em Babilónia, na noite em que Ciro, o Grande, conquistou a cidade.

De acordo com o livro bíblico do profeta Daniel, era Belsazar, “filho de Nabucodonosor”. Contudo, no século III d.C., um filósofo fenício, de nome Porfírio, pôs em causa a autenticidade da obra, argumentando que as suas profecias históricas só foram redigidas no século II a.C., bem depois dos acontecimentos do século VI a.C., em Babilónia (Collins, 1993:114).

É importante notar que estas críticas provêm de um pensador pagão e foram redigidas numa altura que o Cristianismo estava a tornar-se demasiado influente na região e era visto como uma ameaça à tradição religiosa romana.

Ora, mais tarde, no alvor do século XIX, com o alastramento do ceticismo e da crítica bíblica nos meios intelectuais e académicos, esta interpretação ganhou novo alento e os críticos analisaram os factos, e concluíram que o texto de Daniel não tinha qualquer

fundo de verdade. O livro bíblico foi considerado como uma narrativa religiosa nacionalista e um conto folclórico antigo, sem valor histórico.

A referência de Daniel a Nabucodonosor, como tendo governado a Babilónia, era confirmada pelas fontes clássicas, mas o nome do rei Belsazar não aparecia fora do texto bíblico, muito menos como “filho de Nabucodonosor”. Em 1850, um comentarista bíblico, de nome Ferdinand Hitzig, alegou que Belsazar era uma criação da imaginação do escritor judeu (Dougherty, 1929:14).

As listas de monarcas citados pelos autores clássicos gregos, como o historiador Heródoto, mencionaram sempre o rei Nabonido como sucessor de Nabucodonosor e como último governante nativo da Babilónia. E Belsazar nem sequer é referido (Shea, 1982:133). O próprio Flávio Josefo justificou, no seu livro *Antiguidades Judaicas* (séc. I d.C.), que o Belsazar ou “Baltazar” citado no livro de Daniel seria um nome alternativo do próprio Nabonido (1997, L.X, 229).

Mas, em 1854, a escavação conduzida por John Taylor, cônsul britânico na Pérsia, resultou na descoberta de vários cilindros cuneiformes do rei Nabonido, nos alicerces do zigurate do templo dedicado ao deus Sin, na antiga cidade de Ur (no Sul do atual Iraque), lançando novos dados sobre os estudos arqueológicos deste período (Collins, 1993:32).

Estes cilindros continham textos de consagração de um edifício religioso e terão sido depositados nas suas fundações, como era costume. A escri-

Fig. 1 - O Cilindro de Nabonido
(©British Museum. Nº 91125).



ta foi decifrada e descobriu-se, na parte final, uma interessante dedicatória ao deus Sin: “*Quanto a mim, Nabonido, rei da Babilônia, salva-me de pecar contra a grande divindade e concede-me uma vida longa de dias, e quanto a Belsazar, o filho mais velho e minha descendência, incute-lhe reverência, no seu coração, por sua grande divindade, e que ele seja saciado com uma vida de plenitude*” (Beaulieu, 1989:64).

Assim, pela primeira vez, era encontrada uma referência arqueológica ao Belsazar do livro de Daniel, chamado aqui, em língua acádica, como Belsarra-usur, que significa “o deus Bel protege o rei” (Shea, 1988:75).

Noutros textos babilônicos, descobertos posteriormente, foi-se esclarecendo este enigma, revelando que Belsazar era, realmente, filho e príncipe herdeiro do rei Nabonido.

A referência bíblica a Belsazar como “filho de Nabucodonosor” explica-se facilmente por ser usual denominar os descendentes de algum célebre monarca como “filho de”, tal como Jesus era chamado, por exemplo, “Filho de David”.

E embora as reivindicações do seu parentesco com Nabucodonosor II pudessem dever-se apenas a propaganda política régia, os documentos dão indicações, nas entrelinhas, de que talvez Nabonido tenha casado com uma das filhas de Nabucodonosor II, o que até explicaria a sua rápida ascensão (Dougherty, 1929:14).

Após 43 anos de reinado do orgulhoso rei *Nabû-kudurri-usur*, ou Nabucodonosor, como o conhecemos, houve uma série de pretendentes à su-

cessão na coroa, na sua própria família. Alguns sentaram-se no trono, mas a sua morte prematura permitiu que Nabonido assumisse o trono, mesmo não tendo quaisquer laços sanguíneos com a casa real, em resultado de uma conspiração que levou à deposição e ao assassinato do rei anterior, Labashi-Marduk, filho do sogro de Nabucodonosor II (Dougherty, 1929:78).

Crê-se que Nabonido era filho de uma sacerdotisa do deus-lua Sin e casou-se com a filha de Nabucodonosor II, para legitimar o seu próprio governo, com quem teve um filho (Collins, 1993:32). Assim, Belsazar seria neto de Nabucodonosor II.

Nabonido, cujo nome em acádio significa “o deus Nabu seja exaltado”, não esperava tornar-se rei devido à sua

Fig. 2 – Estela de basalto representando o rei Nabonido (©British Museum. Nº 90837).





Fig. 3 - Fragmento da tábuca de barro da Crônica de Nabonido (©British Museum, Nº 35382).

idade avançada. Desta forma, Belsazar tornou-se no primeiro na linha de sucessão, esperando que o reinado do seu pai fosse efêmero e pudesse herdar o trono, num curto espaço de tempo.

Outra inscrição cuneiforme importante que faz referência a Belsazar é a “Crônica de Nabonido”. Ela contém o registo mais completo sobre a queda de Babilônia, descrevendo o reinado de Nabonido, entre 556 e 539 a.C., mas também a ascensão do rei persa Ciro, o Grande (Oppenheim, 1969:310).

O texto está muito fragmentado. No entanto, deixa claro que Nabonido não estava em Babilônia quando os Persas atacaram a cidade (Shea, 1982:133). O monarca tinha deixado a capital em 553 a.C., para uma campanha militar na Arábia, estabelecendo o seu quartel-general na cidade

de Tayma e retornando a Babilônia, passados 10 anos (Beaulieu, 1989: 49). Embora a crônica não mencione Belsazar explicitamente, o documento informa que o “príncipe herdeiro estava na Acádia, ao passo que o próprio Nabonido estava em Tayma” (Hasel, 1977:157).

Percebe-se que Nabonido confiou o reinado a Belsazar, no longo período de ausência, tornando-o corregente da administração do Império (Shea, 1982:135), mas na documentação régia ele é sempre denominado como *mār šarri*, que significa “filho do rei” e nunca se assume oficialmente como *šarru* (“rei”) (Dougherty, 1929:130).

Apesar das suas responsabilidades governamentais, nos documentos históricos cuneiformes depreende-se que Belsazar não possuía algumas prerrogativas exclusivas do seu pai. Não tinha permissão para datar documentos com os seus “anos de reinado”, que continuaram a ser registados com os “anos do reinado de Nabonido” (Beaulieu, 1989:186). Daniel é o único que descreve os acontecimentos da queda da cidade de Babilônia como tendo ocorrido “no terceiro ano de reinado de Belsazar”.

Belsazar também não podia presidir ao festival de Ano Novo, um dever exclusivo de Nabonido, razão pela qual o cilindro de Sippar relata que o festival não foi realizado, por ausência do rei (Oppenheim, 1969:306). Além disso, ele não é mencionado nas inscrições dos cilindros fundacionais dos edifícios, ao contrário de Nabonido (Beaulieu, 1989: 187).

Porém, vários documentos babilônicos contemporâneos tratam

Belsazar como “meu senhor”, uma designação geralmente reservada aos reis. E, assim, embora ele não fosse legalmente rei, agiu como rei, a mando do seu pai, e foi reverenciado como rei (Dougherty, 1929: 196). Por isso, o relato do profeta Daniel não errou em chamar-lhe “rei”, contrariando o que os críticos afirmavam.

O texto judaico é mesmo o único registo, não oficial, que se refere a ele como “rei”, porque, de certeza, foi a forma como o viram e como entenderam o seu papel governativo na Babilónia, forma não oficializada nos documentos oficiais babilónicos, por mera precaução hierárquica.

Quanto à ausência de qualquer menção ao rei Nabonido no livro de Daniel, isso deve-se ao facto de que a sua narrativa se cinge, em poucas palavras, apenas aos eventos que antecedem o colapso do Império Babilónico. Todavia, a sua existência está implícita em Daniel 5:16, quando Belsazar oferece a Daniel: “no reino serás o terceiro governante.” Mas se ele era rei, porque não atribuiu a Daniel o segundo lugar no reino? A resposta deve-se a que ele próprio era o segundo na hierarquia, e apenas poderia oferecer-lhe o terceiro lugar, pois Nabonido era efetivamente o governante

máximo, que a história da Antiguidade Clássica perpetuou (Shea, 1982:138).

Esta confirmação arqueológica de um facto histórico ignorado pelos autores gregos demonstra que o livro de Daniel foi realmente escrito por alguém que viveu na Babilónia, no século VI a.C., e assistiu aos eventos finais (Dougherty, 1929: 200). Se tivesse sido escrito no século II, como podia ele saber da existência de Belsazar, que tinha sido negligenciado e esquecido pelos historiadores clássicos da época? (Shea, 1988:71.)

É verdade que o autor bíblico não menciona o rei persa Ciro, como o conquistador da cidade, naquela noite fatídica, e refere Dario, o Medo (Dan. 5:31), um governador ou general que ainda não foi confirmado historicamente. Existem algumas propostas que explicam esta situação, e intentam identificar este Dario, mas isso ficará para outra oportunidade.

Desconsiderar o relato bíblico de Daniel como mera ficção ou reduzi-lo a um simples conto folclórico é negligenciar uma fonte histórica singular que documenta um período crucial da Humanidade: A transição do poder do Império Babilónico para o Domínio Persa no Próximo Oriente.

Bibliografia

BEAULIEU, Paul Alain (1989) – “The reign of Nabonidus”. *King of Babylon*, pp. 556-539 B.C. [Yale Near Eastern Researches; 10.] Yale University Press.

COLLINS, John J. (1993) – “Daniel: A Commentary on the Book of Daniel” [A Critical and Historical Commentary on the Bible]. Fortress Press.

DOUGHERTY, Raymond Philip (1929) – “Nabonidus and Belshazzar”. *A Study of the Closing Events of the Neo-Babylonian*

Empire [Yale Oriental Series. Researches; 15]. Yale University Press.

HASEL, Gerard F. (1977) – “The First and Third Years of Belshazzar (Dan 7:1; 8:1)”. *Andrews University Seminary Studies*. 15:2, pp. 153-160.

JOSEFO, Flávio (1997) – “Antigüedades Judías”. *Libros I-XI*. Edición de José Vara Donado. Akal Clásica.

OPPENHEIM, A. Leo (1969) – “Babylonian and Assyrian Historical Texts” in J. B. Pritchard (ed.) – *Ancient Near Eastern Texts*

Relating to the Old Testament. New Jersey Princeton University Press, 3ª ed., pp. 305 e 306, 310, 313.

SHEA, William H. (1982) – “Nabonidus, Belshazzar, and the Book of Daniel: An Update”. *Andrews University Seminary Studies*. 20:2, pp. 133-149.

SHEA, William H. (1988) – “Bel(te)shazzar Meets Belshazzar”. *Andrews University Seminary Studies*. 26:1, pp. 67-81.



Júlio Carlos Santos

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Júlio Carlos Duarte dos Santos nasceu em Angola, no dia 24 de junho de 1960, num ambiente marcado pelos desafios e pela luta diária. Da infância numa roça de café, em Angola, a um percurso cheio de reviravoltas, em Portugal, Espanha e França, Júlio Carlos, o atual Secretário-Executivo da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, construiu uma vida intensa guiada pela paixão por Deus, pela família, pela Igreja, pelos jovens, pela música, pelo desporto, pela pregação e, sobretudo, pelo Evangelho.

ED: Muito bem-vindo, Pastor Júlio Carlos Santos. Júlio, achas que, olhando para trás, para os teus 64 anos, tens uma história que pode inspirar as pessoas?

JCS: Eu diria, com toda a humildade, que sim. Esta palavra “inspiração” tem estado presente na minha mente, porque eu gostava de deixar, para o futuro, um testemunho de vida que seja uma inspiração, sobretudo para os jovens.

ED: Então, vamos começar pelo início. Nascestes no Interior de Angola.

JCS: Eu nasci no Kwanza Sul, muito perto de Gabela Konda, numa fazenda de café, conhecida como a fazenda “Boa Esperança”. O meu pai era responsável por uma das roças de café no Sul de Angola.

ED: E como recordas os 14 anos vividos em Angola?

JCS: Recordo com muita nostalgia. Aliás, se não se tivesse dado o “25 de Abril”, eu, provavelmente, nunca teria vindo para Portugal, nunca teria saído de Angola, porque a minha vivência em Angola, desde a minha infância até à minha adolescência, é marcada por momentos extraordinários.

ED: Havia espaço para a espiritualidade? Tiveste uma educação ligada a Deus?

JCS: Sim. Eu venho de uma família que era extraordinariamente Católica-

Eu venho de uma família que era extraordinariamente Católica. E, dentro daquilo que era o melhor que os meus pais conheciam e sabiam, eles procuraram dar-me uma orientação religiosa.

ca. E, dentro daquilo que era o melhor que os meus pais conheciam e sabiam, eles procuraram dar-me uma orientação religiosa. Nós íamos à missa ao domingo. Na roça, não, porque estávamos longe de tudo. Não tínhamos igrejas perto. Mas, depois, quando nos mudámos para Luanda, para eu começar a minha escolaridade, íamos à missa.

ED: Mas a tua família conhece a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Angola, antes de regressar a Portugal...

JCS: A minha mãe e a minha irmã têm o primeiro contacto com a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Luanda. Aliás, é na igreja Central de Luanda que elas são batizadas. E eu, através da minha mãe e da minha irmã, tenho também aí o primeiro contacto com a Igreja.

ED: Entretanto, chega o 25 de abril de 1974 e, um ano depois, a tua família percebe que tem mesmo de regressar a Portugal. Vem para Viseu em 1975. E aí dá-se um choque, que abre um outro capítulo na tua vida.

JCS: Um outro capítulo na minha vida que é um choque a todos os níveis! Um choque cultural. Em 1975, Angola estava com um desenvolvimento muito forte. Quando eu vou viver para Viseu, há um grande choque. Eu não fiquei muito tempo em Viseu. Na altura, disse à minha mãe: “Eu não vou ficar aqui!”

ED: Como era o Júlio dos 15 anos? Era um adolescente difícil?

JCS: Era um adolescente difícil! Eu era o mais novo de cinco. E o mais difícil, sem dúvida. Eu era o rebelde.



Com 15 anos, disse à minha mãe: “Temos de sair daqui.” A minha mãe compreendeu e fizemos planos para ir para a zona de Lisboa. Porque em Lisboa era onde tudo acontecia. Viemos para a Linha de Sintra.

ED: Estamos então em 1978. Portugal estava em constante mudança e tu estavas a estudar em Algueirão Mem-Martins. Esta foi a fase mais complicada da tua vida?

JCS: Sim. O meu ambiente familiar não era um ambiente muito estável, muito convidativo. Por causa do meu pai. Pela sua personalidade, pela sua maneira de se comportar, de se relacionar com a minha mãe e com os meus irmãos.

ED: Portanto, era um ambiente muito agressivo, muito violento. E isso produzia uma reação em ti?

JCS: As imagens que eu tenho desses momentos relacionais do meu pai com a minha mãe e com os meus irmãos, de alguma maneira, marcaram

o meu carácter. Quando nos mudámos para Luanda, quando eu fui para a escola preparatória, percebi a importância de valores que me estavam a escapar, valores que não faziam parte da construção do meu carácter. Eu falhei na gestão das más influências e houve uma influência muito grande a que eu não consegui resistir. Começou então a minha toxicod dependência.

ED: Começou em Luanda?

JCS: Sim. Em Angola, a única coisa que havia era a marijuana, não havia canábis. Tinha eu 13 ou 14 anos.

ED: E até que idade durou essa tua dependência?

JCS: Durou muitos anos...

ED: Que depois se prolonga em Lisboa...

JCS: Sim, eu diria que foram nove anos. Quando eu venho viver para Algueirão, vou ter contacto com grupos onde o processo, no caso da droga, já era muito mais do que a marijuana.



ED: Até chegares àquilo que foi o pior, a cocaína, não é? Como conseguias adquirir essas substâncias? A tua família sabia o que se estava a passar?

JCS: Por essa altura, a família já sabia. E os alarmes já soavam. Mas quando eu saía de casa, sabia que ia encontrar na Sociedade os grupos com os quais eu já me identificava e que tinham uma influência fortíssima na minha capacidade de decisão.

ED: E a Igreja não existia para ti nesta altura?

JCS: Existia. Eu, apesar de tudo, fui tendo contacto com a Igreja Adventista do Sétimo Dia e frequentava-a. Isso foi importante. Eu penso que Deus estava a conduzir todo o processo. Eu não tenho dúvidas nenhuma disso. Porque sempre tive o desejo no meu coração de ir à igreja, de manter contacto com a Igreja. No fundo, eu estava numa luta tremenda. Eu estava

consciente de que, se continuasse naquele caminho, ia ser o meu fim.

ED: Em que momento é que te libertas da droga?

JCS: Estive três vezes numa clínica de profilaxia e desintoxicação, em Coimbra. Só que o processo era o seguinte: Cada vez que eu regressava, tinha uma recaída. Mas quero aqui frisar uma coisa. Eu estou muito reconhecido porque a minha família sempre adotou um comportamento de proximidade. Eu nunca senti uma atitude de marginalização. Aliás, a minha mãe teve uma extraordinária experiência de oração pela minha conversão. Ela falava comigo, ela aconselhava-me. Eu vi muitas vezes a minha mãe com os olhos cheios de lágrimas. Como é que eu conseguia a droga? Eu contava histórias à família para que me desse algum dinheiro para comprar a droga. Além disso, também traficava.

ED: No fundo, tu movimentavas-te num submundo que havia naquela região e conhecias as pessoas.

JCS: Conhecia as pessoas, claro. E corria o risco de ser preso. Não era só a questão da quantidade de produto que pudesse ter nas mãos quando fosse apanhado, era o próprio delito de consumo. Nós consumíamos às escondidas.

ED: Mas antes de saíres desse submundo, tiveste de tomar a decisão. Como se dá essa decisão?

JCS: Essa decisão dá-se num domingo. O volte-face vai acontecer num domingo. Eu estava a sair de casa e tinha um maço de tabaco no bolso do meu casaco. Tirei o maço de tabaco quando ia a caminho da estação de Algueirão, porque era o sítio onde o grupo se encontrava. Meto um cigarro na boca e lembro-me de que tive uma

Naquela madrugada, eu lancei um grito a Deus. Para mim, era a última oportunidade. Eu encarei aquilo como a última oportunidade que estava a dar a Deus para sair definitivamente deste problema. Porque eu tinha consciência clara de que, se continuasse, iria morrer.

vontade imensa de vomitar. Eu acredito que Deus estava a conduzir todo este processo. Deitei o maço de tabaco no lixo e regressei a casa. A minha mãe tinha-me oferecido uma Bíblia. Nessa madrugada, às quatro da manhã, fui buscar a Bíblia e é ali que começa o processo da minha transformação. Eu vou buscar a Bíblia por causa da maneira como a minha mãe me apresentava Cristo e me apresentava Deus.

ED: Entre essa noite e o momento em que depois te tornas Pastor acontece muita coisa, mas, na verdade, é uma decisão que tu tomas.

JCS: É, naquela madrugada. É uma decisão que eu tomo num período de síndrome de abstinência. Porque, nessa altura, eu já estava com dependência da cocaína. Naquela madrugada, eu lancei um grito a Deus. Para mim, era a última oportunidade. Eu encarei aquilo como a última oportunidade que estava a dar a Deus para sair definitivamente deste problema. Porque eu tinha consciência clara de que, se continuasse, iria morrer. Eu tinha consciência disto. Naquela madrugada, eu tomo as duas decisões mais importantes da minha vida. Digo a Deus: “Se Tu existes, tens de me salvar. Tens de me tirar da lama em que eu estou.” Eu estive cerca de quatro horas a lutar com Deus, naquela madrugada. Foi naquela madrugada que tomei a decisão de me preparar para o batismo. Digo a Deus: “Senhor, quero conhecer-Te.” Foi também ali que tomei a segunda decisão: Um dia preparar-me para ser Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Naquela



madrugada, eu tomo estas duas decisões importantes. E assim foi. Portanto, comecei a estudar a Bíblia. E levei um ano a estudar a Bíblia. Por mim próprio.

ED: Foste batizado em que ano?

JCS: Em 1977, na igreja de Cascais.

ED: Júlio, já falámos do teu trajeto desde a infância. Também da adolescência. Vamos agora falar um pouco do teu percurso ministerial. Vais estudar Teologia para Espanha, para Sagunto.

JCS: Sim. Estamos no ano de 1983 e estou em Sagunto três anos a estudar Teologia. Entretanto, conheço aquela que hoje é a minha mulher, a Nani, e casámos. Depois faço mais dois anos em França e termino o curso de Teologia.

ED: Aquilo que eu também conheço de ti é que tu és uma pessoa de projetos. Há pelo menos três grandes

projetos que são muito marcantes na tua vida. Um deles é a *Digitalway*, a precursora da *Novo Tempo Portugal*, que tu conseguiste criar sem grandes meios. Um outro terá sido a construção da igreja de Santa Maria da Feira, onde foste Pastor. E o terceiro foi a campanha evangelística multimédia “Paz para Viver”, em 2001.

JCS: Sim, eu fui o coordenador desse último projeto, “Paz para Viver”. Foi o maior projeto de evangelismo alguma vez realizado em Portugal pela Igreja Adventista. Eu lembro-me de que, quando terminei o referido projeto, tinha perdido cinco ou seis quilos. Hoje, teria sido muito mais fácil, porque a qualidade disponível que temos atualmente permitiria fazer uma coisa dessas com mais facilidade.

ED: Júlio, muito obrigado pela tua história inspiradora. Foi um prazer conversar contigo.

JCS: Obrigado pela oportunidade que me deram de partilhar esta história!



Conceição Lagoa
Diretora-Associada da Área da Família da UPASD para os Ministérios da Criança



aliveinjesus.info

Novo currículo da Escola Sabatina “Vivos em Jesus”

Já passaram quase 25 anos desde a implementação do currículo “Elo da Graça”, um período marcado por grandes bênçãos. Mas, chegou o momento de darmos um novo passo, trabalharmos num novo projeto designado “Vivos em Jesus”, que impactará as futuras ge-

rações. Ao abraçarmos esta missão, experimentaremos, juntos, as maravilhas que Deus tem reservadas para nós.

Autora e Coordenadora do Novo Currículo “Vivos em Jesus”

Nina Atcheson

Fundamentação

O currículo “Vivos em Jesus” para a Escola Sabatina é um programa bíblico que fortalece a vida espiritual de crianças e jovens, desde o nascimento até aos 18 anos.

“Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho, não se desviará dele” (Provérbios 22:6).

Base Fundamental: A BÍBLIA

A Bíblia é o alicerce do currículo e também o método pelo qual os objetivos são alcançados. Este currículo apresenta as verdades bíblicas de forma clara e fortalece a fé. Além de ensinar as 28 crenças fundamentais, incentiva o estudo pessoal das Escrituras e reforça que a Palavra de Deus é viva, poderosa e imutável.

Objetivo

O currículo “Vivos em Jesus” procura preparar e apoiar pais, monitores e líderes da Escola Sabatina, ajudando-os a orientarem e a fortalecerem a fé das crianças e dos jovens, incentivando-os a terem um relacionamento sólido com Jesus.

Nomes das Classes, Faixas Etárias e Frequência de Repetição das Lições (Ciclo)

- **Bebés (0-12 meses)**
 - Uma história por trimestre
 - Ciclo anual
- **Iniciantes (1-3 anos)**
- **Infantis (4-6 anos)**
- **Primários (7-9 anos)**
 - Ciclo de três anos para as três classes
 - A história será a mesma para estes três grupos, o que facilita o estudo em família, mas

com adaptações específicas para cada faixa etária, permitindo que os alunos explorem diferentes aspectos da lição, de acordo com o seu nível de desenvolvimento.

As outras três classes serão trabalhadas posteriormente.

Pilares do Currículo “Vivos em Jesus”

- **Graça**
- **Desenvolvimento do Caráter**
- **Missão**

Cada um destes pilares desempenha um papel essencial na formação das crianças e dos jovens.

Graça – O currículo “Vivos em Jesus” ensina que Jesus ama pessoalmente cada criança e cada jovem, e oferece graça e salvação a todos. Este presente é gratuito e imerecido, mas transforma vidas ao ser compreendido e aceite.

Desenvolvimento do Caráter – Todas as crianças são valiosas e amadas por Deus. O currículo promove o crescimento do caráter cristão e ensina que, quando permanecemos em Jesus, Ele transforma-nos e faz-nos frutificar para a Sua glória.

“A edificação do caráter é a obra mais importante confiada aos seres humanos” (EGW, *Educação*, p. 191, ed. P. SerVir).

Missão – O currículo incentiva crianças e jovens a serem influenciados ativos para Jesus. Quando estamos vivos em Jesus, a alegria da salvação transborda, levando-nos a partilharmos com os outros. Cada lição inclui uma atividade missionária adaptada à idade.

“É no serviço que a nossa maior alegria e a nossa mais elevada edu-

cação se acharão” (EGW, *Educação*, p. 258, ed. P. SerVir).

O novo programa “Vivos em Jesus” enfatiza a graça e o amor de Deus, o desenvolvimento do caráter e o chamado para a missão. Estes pilares estão presentes em todas as lições.

Objetivos de Escrita

O currículo “Vivos em Jesus” aplica ideias inovadoras, melhores métodos e práticas educacionais avançadas para ensinar uma cosmovisão bíblica Adventista de forma eficaz.

Envolvimento dos Pais

Este currículo tem em conta os desafios que os pais enfrentam e incentiva-os a nutrir os seus filhos, cada dia, sendo um excelente apoio para fortalecer o Culto Familiar.

“Os filhos precisam de ver na vida dos pais a coerência que está de acordo com a sua fé” (EGW, *O Lar Cristão*, p. 309, ed. P. SerVir).

“Reservem tempo para ler com os vossos filhos... Formem um círculo de leitura em casa, no qual cada membro da família deixe de lado as preocupações do dia e se una no estudo” (EGW, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 138).

Design Gráfico e Ilustrações

Cada uma das 4372 novas ilustrações foi cuidadosamente planeada para dar vida às lições, representando a diversidade cultural e a inclusão, o que reflete a beleza da individualidade de cada um.

Música

Este currículo apresenta novas músicas, que serão uma preciosa ajuda para

ajudar as crianças a fixarem as mensagens no coração, tornando a aprendizagem mais alegre e significativa.

A Nossa Missão

Hoje, temos a oportunidade de guiar crianças e jovens para um relacionamento duradouro com Jesus. Este currículo prepara-os para serem testemunhas vivas num mundo que precisa de Jesus.

Que cada um de nós faça parte desta nova história e que Deus nos capacite para esta missão. Que este seja o último currículo e que esta seja a última geração que antecede a volta Jesus! Uma geração transformada pela Palavra, pronta para testemunhar e viver a graça divina.

“Quando os seres celestes virem que os homens não mais têm permissão de apresentar a verdade, o Espírito de Deus virá sobre as crianças e elas farão, na proclamação da verdade, um trabalho que os obreiros mais idosos não podem fazer, pois os seus passos serão entravados” (EGW, *Testemunhos Seletos*, 2:461).

“Nas cenas finais da história deste mundo, muitas destas crianças e destes jovens encherão de admiração o povo pelo seu testemunho em favor da verdade, o qual será dado de modo simples, no entanto com espírito e poder. Foi-lhes ensinado o temor do Senhor e o coração se lhes abrandou por um estudo da Bíblia cuidadoso e acompanhado de oração. No próximo futuro, muitas crianças serão revestidas do Espírito Santo, e farão na proclamação da verdade ao mundo uma obra que, naquela ocasião, não pode ser bem-feita pelos membros mais idosos das igrejas” (EGW, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pp. 166 e 167).



—
Victor Alves
Historiador

Origens do Adventismo na Região Norte de Portugal

(Parte III)

Neste terceiro artigo, iremos abordar o contexto histórico do Protestantismo em Portugal no fim do século XIX. Vamos falar um pouco sobre os Colportores da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) neste mesmo período. Recordaremos dois irmãos, moradores no lugar da Feira, Ataíde, em Vila Meã, que foram contactados por um tal Carmesim. Este Carmesim, que se chamava António Carmesim da Silva, é referido num trabalho sobre História das Minorias Religiosas, e isto em 1903, altura em que realizava o seu ministério de Colportor e evangelista em Monção e Melgaço, e estava prestes a entrar na situação de reforma. Vamos chegar à conclusão de que este Carmesim, por esta época, teria frequentado, entre outras, a Igreja Lusitana de Vila Nova

de Gaia. Iremos ver qual foi o relacionamento de Carmesim com a família de Vila Meã e com a mensagem Adventista. Falaremos dos primeiros batismos Adventistas na Região Norte, assim como do relacionamento entre o primeiro missionário Adventista e esta Região. Relembramos o que dissemos nos artigos anteriores: Estamos a comemorar os 120 anos do surgimento do Adventismo em Portugal.

Há uma verdade que não podemos ignorar: Portugal é um país Católico. No fim do século XIX e princípio do século XX, a Igreja Católica confundeu-se com o próprio aparelho de Estado. A Constituição estabelece que o Estado tem por única religião oficial o Catolicismo.

No entanto, apesar desta grande pressão, “em novembro de 1878 vai surgir o Regulamento do Registo Civil. Este regulamento vai encontrar diferentes Confissões Cristãs em dissidência da Igreja do Estado. Colocava uma posição legal de uma minoria cristã portuguesa não submetida à Cúria Romana” (Moreira, 1949). Entretanto, “vão surgir as medidas do Vaticano de 1854 a 1870. Em 1886, assinou-se uma nova Concordata com a Cúria Romana e publicava-se o novo Código Penal Português. No seu artigo 130 considerava crime a prática, pelos Portugueses, de outro culto que não fosse o romano, reedição da intolerância do anterior Código” (Moreira, 1949).

Assim, podemos dizer que as minorias cristãs gozavam de uma liberdade e de uma tolerância condicionadas em Portugal. No dizer de J. Mendes Moreira, “fora da capital do país, a tolerância era bem menor. Antes de 1870, os vendedores ambulantes (Colportores) da SBBE eram perseguidos e presos” (Mendes Moreira, 1995).

É uma realidade incontornável que o contexto histórico do Protestantismo foi feito de avanços e recuos. No dizer de Luís Aguiar Santos: “O Protestantismo não enfrentava só o Catolicismo, enfrentava uma Sociedade onde pululavam já diferentes ‘sistemas de crenças’, que, mesmo se não se reclamavam religiosos, funcionavam como substituição às crenças e aos símbolos cristãos” (Santos, 2000).

Assim, segundo a providência de Deus, na década de 90 do século XIX, passou pelo lugar da Feira, na freguesia de Ataíde, Vila Meã, um Colportor que trabalhava para a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE). Era comum estes Colportores venderem as suas Bíblias e outros livros, especialmente nas feiras dos lugares por onde passavam.

Gostava de acrescentar a esta informação uma achega de Fernando Peixoto: “Os Colportores foram os principais obreiros e responsáveis pela chegada da novidade religiosa a locais e a pessoas, promoviam reuniões para leituras bíblicas em coletivo, num país que detinha uma importante taxa de analfabetismo, (...) e no qual ler a Bíblia constituía ainda um grande pecado. Estes foram os verdadeiros heróis numa luta desigual, eram criaturas itinerantes que [iam] de terra em terra,

feira em feira, enfrentando sem medo perigos e condições muitas vezes infra-humanas... Por vezes eram apenas homens de grande força de vontade, sem cultura sólida, capazes, no entanto, de inflamarem os seus discursos” (Peixoto, 1999).

Acabamos por ter um desses heróis do fim do século XIX como Colportor. Algumas fontes dizem-nos que era da SBBE, mas, consultando a Resenha Biográfica da primeira geração de Colportores, de autoria de Vítor Tavares, 2005, não nos aparece o Colportor de que iremos falar de seguida.

Mas continuemos a falar deste Colportor que, um certo dia, apareceu no lugar da Feira, em Ataíde, Vila Meã, e vendeu uma Bíblia a um cavalleiro chamado Joaquim Sá Pereira do Lago, que, num ato contínuo e com todo o entusiasmo resultante da maravilhosa descoberta, não a guardou para si e foi mostrar o seu “tesouro” ao seu irmão mais velho, chamado Sebastião Sá Pereira do Lago, que também comprou uma Bíblia ao dito Colportor. Este, por sinal, tinha um nome muito curioso: Carmesim. Sabemos, pelos documentos da SBBE, que, em 1885,

No fim do século XIX e princípio do século XX, a Igreja Católica confunde-se com o próprio aparelho de Estado. A Constituição estabelece que o Estado tem por única religião oficial o Catolicismo.

o Colportor que tinha como área a região desde Penafiel até Trás-os-Montes se chamava António Joaquim de Castro. Eu pergunto: “Não será este o Carmesim?” (Alves, 2023.)

Não devemos esquecer um pressuposto muito importante: A História está sempre a ser reescrita. O que ontem parecia uma coisa, com as novas investigações hoje é outra. Foi assim que, em finais de janeiro de 2024, fomos encontrar um trabalho coordenado pelo Professor João Francisco Marques, apresentado no Seminário de História das Minorias Religiosas, do Mestrado de História Moderna. Na página 459 deste documento é referido que, em julho de 1903, um tal de António Carmesim da Silva realizava trabalho evangélico em Monção e Melgaço, sendo mesmo ameaçado e perseguido (Marques, 1995).

Entretanto, a nossa investigação prosseguiu na procura deste Colportor e fomos encontrar um trabalho publicado em *ISSUU* por José Sepúlveda, de outubro de 2022, pp. 46-54, que diz o seguinte: “No ano de 1899, o *Jornal Apologista Cristão Brasileiro*, de Pará, Brasil, no seu número de 1 de maio, transcrevia uma notícia publicada no *Jornal Evangélico Cristão*, de Portugal: ‘António Carmesim da Silva – Este irmão continua sofrendo dos seus padecimentos antigos, em Portugal: Mas assim mesmo e pobre, é ativo na obra do Senhor. (...) Este irmão, além de vender os livros, ocupa-se em anunciar o Evangelho de casa em casa e ler a Palavra de Deus no Porto e arrabaldes.’” José Sepúlveda continua: “Vamos recuar agora ao ano de 1903 e transcrever

um artigo sobre as dificuldades sentidas que vem transcrito no jornal *Luz e Verdade*, de outubro do ano de 1903, quando ele [Carmesim] estava prestes a entrar na situação de reforma.” O cabeçalho da notícia diz: “Trabalho evangélico e perseguições em Monção e Melgaço.” E continua: “Do nosso irmão, o Senhor António Carmesim da Silva, que tem estado em Monção e Melgaço, foi-nos presente uma longa carta (...) [sobre] o que tem feito na obra de Deus e as perseguições que tem sofrido. (...) Foi a uma feira em Melgaço (...) [onde] voltou a ser insultado por umas mulheres e um homem, que o ameaçou de cacete, assediados por um padre de Viana do Castelo!”

Perante estas fontes, somos levados a concluir que António Carmesim da Silva teria frequentado, entre outras, a Igreja Lusitana de Vila Nova de Gaia. Também concluímos que Carmesim não fazia parte do corpo de Colportores da SBBE. Além de Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos, vendia uma publicação com o nome de “Assuntos que interessam a todos”, que possivelmente seria editada pela Igreja Lusitana Evangélica.

Assim sendo, já sabemos quem era Carmesim, o que fazia, que Igreja frequentava, por onde andava.

Portanto, será muito improvável que o nosso Carmesim, que vendeu as duas Bíblias aos dois irmãos, em Vila Meã, por volta de 1890, não seja o mesmo que vamos encontrar mais para diante na nossa investigação.

Quando aparece o nome deste Colportor pela primeira vez? Este nome vai ser dado a conhecer através de João



A primeira fotografia da família Adventista em Portugal, em 1908 – Na fila de trás, do lado direito, está o jovem português, João de Sá Pereira do Lago, durante o período que morou com Clarence E. Rentfro, em Lisboa.

de Sá Pereira do Lago, filho de Sebastião, um dos irmãos de Vila Meã. João, de acordo com o seu registo de nascimento, nasceu em 8 de junho de 1885 (Sepúlveda, 2022). Ele vai aparecer em 1907 como fazendo parte do grupo dos primeiros crentes do Movimento Adventista na Região Norte. De facto, João de Sá Pereira do Lago batizou-se juntamente com Joaquim Dias Gomes e a sua esposa (pais do futuro obreiro António Dias Gomes). Ora, João de Sá Pereira do Lago escreveu um artigo na *Revista Adventista*, de junho de 1952, pp. 9-11, onde diz: “Surgiu a Escola Sabatina com meia dúzia de alunos. Entre eles, havia um chamado Carmesim, antigo Colporteur da SBBE, reformado, que se recordou ter vendido uma Bíblia (...)”

Quando João de Sá Pereira do Lago escreve este artigo está com cerca de 67 anos, o que não é uma idade de muito avançada para se confundir datas e nomes, mas Carmesim nunca fez parte da lista dos Colportores iniciais da SBBE. Quando muito, podia ter algum contrato ou acordo com a Instituição. Quanto à sua reforma, fica a dúvida de quem a pagava. Não devemos esquecer as suas fortes ligações com a Igreja Lusitana Evangélica, mas para isso não temos qualquer fonte, a não ser o que está escrito atrás.

Neste momento da nossa exposição, podemos ter uma visão do nome dos crentes batizados e não batizados no princípio do Movimento Adventista na Região Norte. Assim, em primeiro lugar, temos os seguintes crentes batizados pelo, então, Pastor Schwantes, em agosto de 1907, na praia da Aguda, perto de Espinho: Joaquim



Crentes em 1924 na Igreja Lisboa-Central – Na fila de trás, do lado esquerdo, está João de Sá Pereira do Lago e a sua esposa.

Dias Gomes, a sua esposa e João de Sá Pereira do Lago, um jovem de 22 anos. Antes deste batismo, já tinham começado a funcionar três Escolas Sabatinas: Uma em Vila Meã, Penafiel, em casa de Sebastião, pai de João de Sá Pereira do Lago; outra em casa de Joaquim Dias Gomes, na rua Direita, em Vila Nova de Gaia; e a terceira na sala da Rua do Bonfim, nº 124, na cidade do Porto. Sabemos pelo *Diário* de Rentfro que Schwantes se fixara no Porto, em 27 de setembro de 1906, alugando uma sala na Rua do Bonfim, como dissemos. Na *Revista Adventista* de junho de 1952, João de Sá Pereira do Lago diz que “em 1906, os dois pregadores (Rentfro e Schwantes) foram ao Porto sondar a forma de criar ali uma Escola Sabatina e alugaram uma sala”. Na *Review and Herald*, de

8 de novembro de 1906, p. 18, lemos: “Schwantes anuncia que deveria deixar Lisboa e ir para o Porto.” O *Diário* de Rentfro nada diz da ida ao Porto com Schwantes, em 1906. Na *Review and Herald*, de 13 setembro de 1906, p. 18, refere-se a chegada de Schwantes a Lisboa, em 6 de maio de 1906, mas, no *Diário*, Rentfro não fala sobre esta ida ao Porto nesse mesmo ano.

Assim, teremos de avançar para 1907.

Bibliografia

Alves, Victor – “Para a História da Igreja Adventista em Vila Meã/Castelões (Parte I)”, *Revista Adventista*, maio de 2023, p. 25.

Marques, João Francisco – *Seminário de História das Minorias Religiosas, do Mestrado de História Moderna*, 1995, p. 459.

Peixoto, Fernando – “O que se sabe e o que se procura sobre o Protestantismo em Portugal”, *Lusotopie*, 1999, pp. 257-269.

Santos, Luís Aguiar – “O Protestantismo em Portugal (Séc. XIX e XX): Linhas de força da sua História e Historiografia”, *Lusitana Sacra*, 2ª série, 12 (2000), pp. 37-64.

Sepúlveda, José – “Vila Meã”, outubro de 2022, pp. 46-54, publicado em ISSUU.

Tavares, Vítor – “Ultrapassando Obstáculos: Os Colportores”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano IV, 2005, nº 7/8, pp. 79-95.

Oásis

Estas **canções** nasceram em momentos de oração, de lágrimas e de gratidão. São **testemunhos sonoros** de um **Deus** que nunca falha e que está sempre presente.



Venha comigo nesta viagem de louvor, e descubra o **Oásis** em Quem me refugio no deserto desta vida!



@zaida.louvor.oficial
Canal com Vídeos e
Músicas



@zaida.louvor.oficial
Siga-nos para
novidades





Regras versus Princípios

Os princípios são bases, fundamentos, origens. São o conjunto de valores. As regras são normas, exemplos. São a aplicabilidade de um princípio em situações reais, quotidianas.

“Certo dia em que os discípulos de João Batista e os fariseus jejuavam, houve alguém que foi perguntar a Jesus: Porque os discípulos de João e os dos fariseus jejuam, e os teus discípulos não? Jesus respondeu: Poderão jejuar os convidados duma boda enquanto o noivo estiver com eles? É claro que enquanto o noivo estiver com eles não podem jejuar. Dias virão em que o noivo lhes será tirado. Nessa altura jejuarão” (Marcos 2:18-20, *BpT*).

No *Talmude* babilónico (compilação de livros sagrados dos Judeus que regista as discussões rabínicas respeitantes à Lei, à ética, aos costumes e à história do Judaísmo) relata-se a antiga tradição de jejuar no segundo e no quinto dias da semana, isto é, à segunda-feira e à quinta-feira (Lucas 18:12). A tradição judaica fundamenta este costume no alegado facto de Moisés ter começado o seu

jejum de 40 dias no Sinai numa quinta-feira e o ter terminado numa segunda-feira.

Os motivos exatos por detrás desses jejuns bissemanais não são inteiramente claros, mas parece provável que tivessem a sua origem no desejo de alguns Judeus particularmente fervorosos de tentarem expiar o secularismo da nação, que, segundo eles, estava a provocar rapidamente a sua destruição. No geral, os antigos Judeus jejuavam a fim de compensar uma falta, para assegurar resposta favorável a uma oração ou para verem o cumprimento de um desejo.

Certamente, muitos jejuavam porque criam que um ato dessa natureza lhes garantia um mérito especial diante de Deus.

Com demasiada frequência, o jejum degenerava num meio de justificação pelas obras, mediante as quais os homens esperavam apa-





ziguar um Deus austero e ganhar o Seu favor, sem ter em conta o estado do coração deles. Era também uma forma de autopromoção, uma vez que faziam questão de que os demais soubessem que estavam a jejuar, para serem tidos como mais santos do que os outros.

“Num Sábado, Jesus e os seus discípulos atravessavam umas searas. Enquanto caminhavam, os discípulos começaram a apanhar espigas para comer. Então os fariseus perguntaram a Jesus: Porque é que eles fazem ao sábado o que a lei não permite?” (Marcos 2:23 e 24, *BpT*.)

O Sábado era outro aspeto do Judaísmo em que existiam muitos regulamentos. O mais conhecido é a “jornada de um dia de sábado”, isto é, 900 metros como distância máxima a percorrer nesse dia. Também se considerava que era uma violação do Sábado o olhar para um espelho fixado na parede ou acender um candelabro. No entanto, as mesmas disposições permitiam vender a um Gentio um ovo posto num Sábado ou contratar um Gentio para que acendesse um candelabro ou o fogo.

São incríveis os fardos que se criaram com a implementação de regras desprovidas de princípio.

Os princípios são bases, fundamentos, origens. São o conjunto de valores. As regras são normas, exemplos. São a aplicabilidade de um princípio em situações reais, quotidianas. Por exemplo, guardar o Sábado é um princípio; não colher espigas no Sábado era uma regra.

Jesus teve de lutar muitas vezes contra regras para que os princípios fossem restabelecidos.

Creio que existem alguns temas em que este pode continuar a ser um problema para nós. Já falámos do Sábado. “O que devo fazer? O que não devo fazer?” Isto são tentativas de regulamentar o princípio da guarda do Sábado.

Este tipo de regras é, normalmente, criado com ótimas intenções, tentando aplicar o princípio a situações práticas do quotidiano. Mas elas devem sempre conduzir-nos ao princípio e nunca diminuí-lo ou fazê-lo esquecer.

A pergunta na qual quero que reflitas é esta: Serão todas as regras baseadas em princípios, ou, com o passar do tempo, as regras foram derivando tanto que deturparam os princípios que queriam preservar? Ao ponto de já não terem nexos nenhum?

Serão todas as regras baseadas em princípios, ou, com o passar do tempo, as regras foram derivando tanto que deturparam os princípios que queriam preservar?

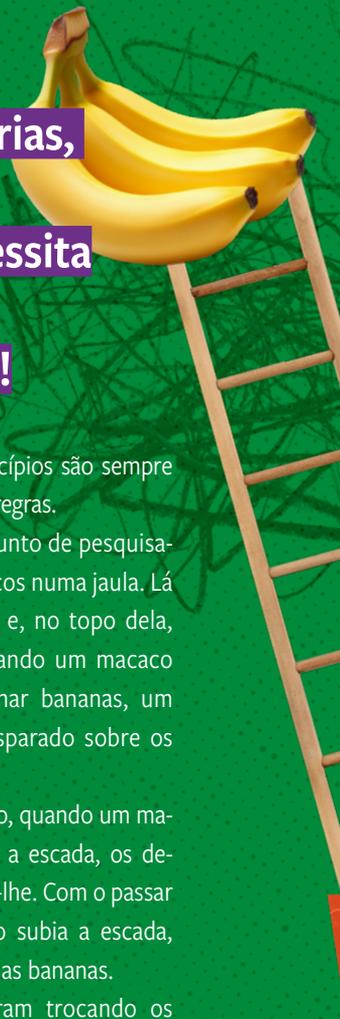
As regras, de forma geral, são nocivas e não devemos tê-las? De modo nenhum! As regras, os métodos, são importantes para a organização. Têm um papel importante a desempenhar, orientando a nossa prática dentro de um contexto específico. Se não houvesse regras, cairíamos no extremo oposto, o de cada um por si.

Então, qual é o problema? Aplicar regras é fácil. Se a Igreja hoje publicar uma norma segundo a qual toda a música usada na Igreja deve ter determinado ritmo ou só poderá ser música do *Hinário*, isso é muito fácil de aplicar e de controlar. Se vier uma direttriz dizendo que o padrão para a saia da mulher são um ou dois palmos abaixo do joelho, tal seria também muito fácil de aplicar. Se fosse emitido um parecer sobre a lista de lugares onde um Adventista do Sétimo Dia não deve entrar, seria tudo mais simples. Porquê? Porque não preciso de pensar, não preciso de ter o trabalho de perceber o que Deus quer de mim. Alguém já fez isso por mim e decidiu como aplicar os princípios através do estabelecimento de regras.

As regras são muito necessárias, mas o seu propósito necessita de ser bem compreendido.

Imagina que eu propunha fazermos a liturgia de uma forma diferente e que um irmão ou uma irmã da Igreja imediatamente se opunha. Motivo? “Porque não faz sentido mudar, uma vez que sempre se tem feito assim.” Isto está correto? Parece-me que não. Correto seria perceber se a mudança afetaria o princípio ou se seria apenas uma forma diferente de o aplicar.

Precisamos de entender que nem sempre as regras que estabelecemos estão em consonância com o princípio que tentamos preservar. Precisamos de questionar-nos. Precisamos de pensar nas coisas que fazemos desde sempre. Não faz sentido fazê-las, se não entendermos a razão de as fazermos! Se elas não estiverem bem fundamentadas, corremos o risco de de-



**As regras são
muito necessárias,
mas o seu
propósito necessita
de ser bem
compreendido!**

turpar o princípio. E os princípios são sempre mais importantes do que as regras.

Conta-se que um conjunto de pesquisadores confinou cinco macacos numa jaula. Lá dentro, existia uma escada e, no topo dela, um cacho de bananas. Quando um macaco subia a escada para apanhar bananas, um jato de água gelada era disparado sobre os que estavam no solo.

Depois de algum tempo, quando um macaco estava prestes a subir a escada, os demais agarravam-no e batiam-lhe. Com o passar do tempo, nenhum macaco subia a escada, mesmo diante da tentação das bananas.

Os pesquisadores foram trocando os macacos da jaula um a um. A primeira ação do novo macaco que chegava era subir a escada, sendo imediatamente impedido pelos outros, que o agrediam violentamente. Após algumas pancadas, o recém-chegado ao grupo já não subia a escada.

Isto acontecia com todos os macacos novos que iam sendo introduzidos, sendo que os macacos novos anteriormente introduzidos batiam também com entusiasmo nos novos que chegavam e que tentavam subir a escada. Finalmente, o último macaco veterano foi substituído. Então, os pesquisadores ficaram com um conjunto de cinco macacos que, mesmo sem nunca terem apanhado com um jato de água frio, nem fazerem a mínima ideia do que acontecia quando se subia a escada,

persistiam em bater naquele que tentasse. Se fosse possível perguntar a algum deles sobre o motivo de baterem em quem tentava subir a escada, certamente a resposta seria: “Não sei..., mas sempre foi assim por aqui!” (<https://sitedopastor.com.br/os-cinco-macacos/>.)

Poderíamos concluir que, em primeiro lugar, é de essencial importância que tu, jovem, não deixes de ter um pensamento crítico. Crítico no sentido acadêmico, ou seja, um pensamento que procura respostas, que fundamenta as suas posições e ideias. Que não decide seguindo o que os outros decidem.

Em segundo lugar, podemos concluir que devemos ter o cuidado de perceber se, na nossa vida cotidiana e, sobretudo, na nossa vida religiosa, estamos apegados a regras sem substância, desprovidas de qualquer princípio. Se estamos a seguir certos costumes apenas por tradição, devemos re-

fletir até que ponto podem ser nocivos para a nossa espiritualidade. Não podemos perder o foco de que os princípios devem sempre estar acima das regras.

Infelizmente, às vezes somos parecidos com os Fariseus. Importamo-nos com detalhes ínfimos e esquecemos a abrangência de um princípio, como, por exemplo, o princípio do amor. Preocupamo-nos com os detalhes da roupa e do aspeto exterior do nosso próximo, e esquecemos de amar essa pessoa. Condenamos um jovem pelas companhias que tem, mas no resto do tempo esquecemo-nos dele e da necessidade que tem de um bom amigo.

Faz lembrar as palavras de Jesus, quando Ele dizia: “Conselheiros cegos! Vocês são daqueles que coam um mosquito, mas engolem um camelo!” (Mateus 23:24, *BpT.*) Serei eu um destes?

Infelizmente, às vezes importamo-nos com detalhes ínfimos e esquecemos a abrangência de um princípio, como, por exemplo, o princípio do amor. Preocupamo-nos com os detalhes da roupa e do aspeto exterior do nosso próximo, e esquecemos de amar essa pessoa.





É possível que, na sua infância, também tenha assistido à série “Tom e Jerry”, uma história à volta de um gato e de um rato, que também incluía um cão, o Spike, onde a perseguição, a opressão e até a tortura no ambiente do lar foram um meio de entretenimento para milhões desde os anos 40. Menos engraçada, mas mais real, é a constatação de que, nos relacionamentos afetivos e familiares, assim como nos laborais e escolares, a figura de um opressor e perseguidor, por um lado, e a de um oprimido e perseguido, por outro, é tão frequente. Pela elevada prevalência, ficamos quase com a sensação de que o mundo está dividido entre aqueles que oprimem e aqueles que são oprimidos. Quanto discutimos relacionamentos, quase que, invariavelmente, encontramos um Tom e um Jerry, sendo que – ao contrário do que acontecia na série – raramente o último é bem-sucedido em repelir a agressividade do primeiro. Na política e na economia, o tema da opressão é igualmente um assunto recorrente. Porque vivemos numa cultura de opressão? Será possível viver-se nesta Terra sem se oprimir e sem se ser oprimido?

Paulo Freire, o renomado educador brasileiro, dizia: “Quando a Educação não é libertadora, o sonho do

oprimido é tornar-se opressor.” De facto, a menos que haja uma intervenção libertadora, o inevitável será a propagação desta cultura malévola, onde, como no caso de Tom e Jerry, as únicas variações serão a de quem está, desta vez, a perseguir. Tudo começou com a origem do conflito no Céu e, sem qualquer dúvida, o espírito do opressor é o espírito de Lúcifer (Apocalipse 12:17). Em contraste, “onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (II Coríntios 3:17). Versículos da Bíblia são, por vezes, usados para justificar a violência, o abuso e a anulação da individualidade do outro. Nada pode estar mais longe da realidade bíblica. Jesus veio para libertar os oprimidos (Lucas 4:18). Essa é também a missão da Igreja de Cristo. Ellen G. White deixou este conselho:



“Tom e Jerry”

“Não procureis obrigar o outro a proceder como desejais. Não podereis fazer isso e, ao mesmo tempo, conservar o amor mútuo. Manifestações de vontade própria destroem a paz e a felicidade do lar. Não permitais que a vossa vida conjugal seja de contenda. Se o permitirdes, sereis ambos infelizes. Sede bondosos nas palavras e delicados no trato, renunciando aos vossos próprios desejos. Vigiai bem as vossas palavras; pois exercem influência poderosa para o bem ou para o mal. Não permitais aspereza alguma da voz. Trazei para a vossa vida conjugal a fragrância da semelhança de Cristo” (*Testemunhos Seletos*, vol. III, pp. 96 e 97).

Um lar sem contenda, sem agressão, sem um Tom e um Jerry – que ambiente celestial! Crescer numa cultura assim faz com que as crianças e os jovens idealizem para si algo semelhante e não aceitem facilmente uma cultura de opressão por estarem com ela familiarizados! Cenário lindo, mas praticamente inatingível, a menos que haja uma intervenção libertadora. Houve Alguém que não pertencia a esta cultura, mas que quis identificar-Se conosco e foi oprimido sem abrir a Sua boca (Isa. 53:7), para nos libertar da nossa infelicidade (João 8:36). Tanto aquele que oprime como aquele que é oprimido é infeliz e, por isso, precisa dessa libertação. Jesus disse: “Aprendam de mim que sou manso e humilde de coração” (Mateus 11:29). Quando terminou o Seu discurso de despedida dos discípulos (João 14-16), Jesus orou primeiro por Si mesmo (João 17:1-5). Nessas primeiras palavras pediu que o Pai O glorificasse. Ele empregou a pa-

lavra “glória” ou o verbo “glorificar” cinco vezes. Porque estava Jesus tão desejoso de que a Sua glória se manifestasse ao completar aqui o Seu ministério? No que consistia a Sua glória? Um dia, Moisés pediu a Deus: “Mostra-me a tua glória.” A resposta divina foi: “Farei passar toda a minha bondade diante de ti” e “tereis misericórdia” (Êxodo 33:18 e 19). É desta educação transformadora que as famílias de hoje precisam. Precisamos de passar mais tempo a contemplar o caráter de Deus, para sermos transformados à Sua imagem e semelhança, e nenhum tempo a contemplar o caráter dos Toms e Jerrys desta vida, para não perpetuarmos aquele padrão de comportamento.

Numa recente visita à cidade de Budapeste, fiquei estupefacto quando, a caminho do Parlamento, ao passar de forma não intencional por uma praça que se chama “Praça da Liberdade”, vi ali dois monumentos. Um aludindo à conquista de Budapeste pelo exército soviético, e outro, à distância de apenas alguns metros, aludindo à invasão desta cidade pelo exército de Hitler. Este último monumento tem, desde a sua recente ereção, causado muita controvérsia. Porque haveria esta cidade de ter monumentos para recordar a sua opressão? A cerca de meio quilómetro encontrei, contudo, algo mais normal: Referências à Revolução de 1956, uma revolta popular contra a opressão daquele tempo. No chão estava escrito o texto de Paulo: “Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos” (II Coríntios 4:9). Vivamos sem opressão no nosso lar. Um dia, Deus erradicará toda a opressão deste mundo!





ESPAÇO JUVENIL

Heróis da Bíblia



Conceição Lagoa
Diretora-Associada da Área
da Família da UPASD para
os Ministérios da Criança

ANA

A mãe de Samuel

“Pedi ao Senhor que me desse este menino e o Senhor atendeu o meu pedido” (1 Samuel 1:27).



recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-abril-2025/

Aponta o telemóvel e descobre as surpresas!

Explora o QR Code e encontra:

- Uma mensagem especial de Ana.
- Um desenho divertido para completares e colorires.
- Um jogo bíblico sobre Ana.



História Bíblica

Ana era uma mulher que amava e respeitava Deus, mas vivia muito triste, porque não conseguia ter filhos. Naquele tempo, isso era visto como algo muito difícil para uma mulher suportar, e Ana sofria ainda mais porque Penina, a outra esposa do seu marido, Elcana, zombava dela e fazia-a sentir-se ainda pior.

Mesmo com o coração cheio de tristeza, Ana nunca perdeu a fé. Foi ao templo, orou com sinceridade e pediu a Deus um filho. Entre lágrimas, fez uma promessa: Se Deus lhe desse um filho, ela iria dedicá-lo ao serviço do Senhor por toda a sua vida.

Deus ouviu a oração de Ana e deu-lhe um filho, Samuel. Quando o menino já estava crescido, Ana cumpriu a sua promessa e levou-o ao templo, entregando-o aos cuidados do sacerdote Eli, para que servisse Deus.

Ana poderia ter ficado com Samuel, mas ela sabia que ele pertencia a Deus. Em vez de ficar triste, sentiu-se feliz, porque sabia que Samuel tinha uma missão especial. E Deus abençoou-a ainda mais, dando-lhe três filhos e duas filhas.

Samuel cresceu no templo e tornou-se num grande profeta de Deus. Ele teve um papel muito importante na história de Israel.

Eu aprendi...

A história de Ana mostra-nos como a oração sincera é poderosa e como devemos confiar em Deus. Ele escuta as nossas orações, vê as nossas lágrimas e conhece os desejos do nosso coração.

Ana ensina-nos que, quando confiamos em Deus e cumprimos as nossas promessas, Ele pode dar-nos bênçãos ainda maiores do que imaginamos. Mesmo quando algo nos parece difícil, se o entregarmos a Deus, Ele transforma isso em algo maravilhoso.

Também aprendemos que devemos ser gratos. Ana recebeu um filho como uma bên-

ção, mas não o guardou só para si – entregou Samuel a Deus. E, por isso, ele tornou-se num dos maiores líderes de Israel!

“Eu Vou, Iremos Todos”

Hoje, Deus continua a pedir-nos que confie-mos n’Ele e que Lhe entreguemos os nossos sonhos e as nossas preocupações. Quando dizemos “Eu vou”, estamos a mostrar que temos fé e que queremos obedecer, assim como Ana fez.

Deus tem um plano especial para cada um de nós. Mesmo quando parece que as respostas demoram, podemos confiar em que Ele está a preparar algo maravilhoso. Diz “sim” ao plano de Deus e vê como Ele pode transformar as tuas orações em histórias de fé e alegria!

Desafio ou Atividade

Pensa em algo que tens pedido a Deus há muito tempo. Alguma vez sentiste que Ele não te está a ouvir? Lembra-te da história de Ana e continua a orar com fé!

Escreve uma oração sincera, conta a Deus o que está no teu coração. Fala com Ele como farias com um grande amigo e entrega-Lhe essa preocupação. Depois, lembra-te sempre: Deus tem um plano especial para ti!

Se já recebeste uma bênção, pensa numa maneira de a usar para Deus. Ana recebeu Samuel como resposta à sua oração e, em gratidão, dedicou-o ao serviço do Senhor.

E lembra-te: Quando entregamos a nossa vida a Deus, Ele faz muito mais do que podemos imaginar!

Faz um cartaz ou um desenho com a frase “Eu confio em Deus!” e coloca-o num local onde possas vê-lo todos os dias. Assim, vais lembrar-te de que, tal como Ana, podes confiar em Deus em todos os momentos!



Poder transformador da Bíblia e da oração leva casal ao batismo

Mafalda Silva | IASD Lisboa-Central
6 de março de 2025

No dia 1 de fevereiro de 2025, na IASD de Lisboa-Central, a Igreja teve a alegria e o privilégio de assistir a uma cerimónia batismal. Paulo Diegues e a sua esposa, Telma Diegues, desceram às águas batismais, declarando publicamente o seu compromisso de seguir Jesus e de iniciar uma jornada de uma vida profundamente mudada, dirigida pelo Espírito Santo.

O Pastor António Amorim foi o oficiante desta cerimónia batismal. Na sua pregação, enfatizou a importância de, após o batismo, “o crente se alimentar diariamente de Cristo, procurando estar debaixo da orientação do Espírito Santo”.

Testemunho de fé e conversão

Paulo e Telma partilharam com a Igreja, os familiares e os amigos como foi a sua conversão de Católicos fervorosos para Adventistas do Sétimo Dia. Contaram que – depois de se aperceberem de que algumas práticas da sua anterior religião não tinham sustentação bíblica – oraram a Deus para que os conduzisse a uma Igreja com crenças alicerçadas na Bíblia. E assim foi!

Telma, através de uma mensagem do Pastor Ailton Oliveira, no *Instagram*, foi sen-

sibilizada para a santificação do Sábado segundo a Bíblia. Partilhou com Paulo, mas este decidiu continuar com o trabalho de ambos de venda de refeições e bebidas nos eventos de fim de semana, através de um camião-restaurante.

Enquanto se dirigiam para uma feira, Paulo pediu a Telma que procurasse uma mensagem da Bíblia: “Coloca lá a Palavra para ver o que o Mestre tem para nos dizer hoje.” Era um dia de Sábado. Telma estava a ouvir o livro de Isaías, na voz de Cid Moreira. Depois de alguns minutos, ouviram Isaías 58:13 e 14. Paulo pediu para voltar a ouvir três ou quatro vezes. “Estamos a fazer tudo errado. Isto não vai correr bem”, exclamou Paulo.

Paulo testemunha de que Deus abriu os seus olhos e, durante essa feira, viu com tristeza o vício e a promiscuidade à sua volta. Pensou que este não era o melhor ambiente para os cinco filhos do casal que os acompanhavam.

Nesse Sábado, decidiram parar e procurar, em oração, uma Igreja que guardasse o Sábado. Assim, chegaram, numa reunião de domingo, à Igreja Adventista do Sétimo Dia em Lisboa-Central, que estava com uma exposição de Bíblias com visita guiada às instalações e resposta a perguntas. Imediatamente, pediram estudos bíblicos, continuando o Senhor a conduzi-los ao batismo.

Sobre o batismo, Ellen G. White escreve: “Ao fazer os votos batismais, o homem une-se aos mais altos poderes nas cortes celestiais. Ele compromete-se a viver a vida que Cristo viveu enquanto esteve nesta Terra. E Cristo, da Sua parte, cumpre todas as promessas que Ele fez na Sua Palavra. Ele molda o caráter de cada um que segue os Seus passos. Maravilhoso, maravilhoso é o Seu



trabalho em favor dos pecadores” (*Cartas e Manuscritos*, Volume 17 (1902), *Manuscrito 57*, parágrafo 29, tradução livre). Oramos para que estas palavras da serva do Senhor se cumpram na vida destes novos crentes.



Alvalade testemunha batismo de seis novos membros

Helena Carrolo | IASD Lisboa-Alvalade
9 de março de 2025

No passado dia 22 de fevereiro, a igreja Adventista do Sétimo dia de Alvalade teve um Sábado muito especial.

Seis novas almas tomaram a decisão pelo batismo, Aداugilsa, Alfredo, Ângela, Kátia, Maria de Lurdes e Paulo, entregando o seu coração e a sua vida a Jesus.

O batismo é a maior decisão na vida de um Cristão. Uma caminhada que, por vezes, tem percalços, dissabores, dor, tristeza, mas, com Jesus ao nosso lado, seremos todos mais do que vencedores. Tudo passará como um mero sopro que rapidamente se dissipa ao contemplarmos a face do nosso Salvador.

Um grande trabalho contínuo da classe de estudo da Bíblia que tem trazido muitas almas a Cristo.

Pessoas que Deus coloca no nosso percurso para nos ajudarem e guiarem até Ele. Deus chama-nos de várias maneiras e formas; o seu maior desejo é que todos se salvem.

A igreja de Alvalade acolhe estes seis novos membros e todos juntos, como uma grande família que somos, vamos continuar a cres-

cer em força e graça e a dar o nosso melhor contributo para Deus e para a nossa Igreja.

Sejam muito bem-vindos a esta grande família. Deus vos abençoe e guarde nesta vossa nova caminhada!

“Porque, todos quantos fostes batizados em Cristo, já vos revestistes de Cristo.”
Gálatas 3:2.



Novo Tempo Portugal recebe visita da Hope Media Europe e anuncia nova grelha de programas

Departamento de Comunicação da UPASD
28 de fevereiro de 2025

No dia 24 de fevereiro, a *Novo Tempo Portugal*, com sede no Sabugo, em Sintra, recebeu a visita de Klaus Popa, Presidente da *Hope Media Europe*, e Paulin Giurgi, Vice-Presidente para a área da Comunicação e da Programação. A visita resultou de um convite feito há muito tempo pelo Pastor Pedro Esteves, Diretor da *Novo Tempo Portugal*, e contou ainda com a presença de Paulo Sérgio Macedo, Diretor do Departamento de Comunicação da Divisão Inter-Europeia.

Durante a visita, os representantes da *Hope Media Europe* tiveram a oportunidade de conhecer de perto as instalações da *Novo Tempo Portugal* e de interagir com toda a equipa responsável pela produção de conteúdos para a TV e para a Rádio.

Ficaram particularmente impressionados com a dimensão e o impacto do projeto,



que ainda não completou dois anos de presença na Televisão por cabo.

O canal *Novo Tempo Portugal* está disponível na Televisão por cabo desde outubro de 2023, através do canal 186 da MEO. Desde o dia 31 de março conta com uma presença ainda maior de conteúdos portugueses.

Para Pedro Esteves, o objetivo do convite foi “dar a conhecer à liderança da *Hope Media Europe* o ponto de situação do projeto *Novo Tempo Portugal*, com especial ênfase na nova fase da área de TV, marcada pelo lançamento da nova grelha de programação (...). Tivemos também várias reuniões de trabalho com o objetivo de aprender com alguns dos processos desenvolvidos na *Hope Media*, na Alemanha, e perceber como podem apoiar a *Novo Tempo Portugal*. Foi, sem dúvida, um tempo muito frutífero”.

Este encontro proporcionou uma troca de ideias e reafirmou o compromisso da *Hope Media Europe* em continuar a apoiar o crescimento da *Novo Tempo* em Portugal.

No final do encontro, Klaus Popa reuniu toda a equipa da *Novo Tempo Portugal* na entrada do edifício para um momento especial de oração, agradecendo a Deus pelo trabalho desenvolvido e pedindo bênçãos para o futuro do projeto no país.

A visita reforçou a importância da colaboração entre as diferentes entidades da Comunicação Adventista e serviu como um



forte incentivo para a equipa da *Novo Tempo Portugal* continuar a sua missão de levar esperança a milhões de lares.

A Rede *Novo Tempo Portugal* é atualmente o maior braço evangelístico para a divulgação da mensagem Adventista em todo o território nacional. A estrutura de *media* inclui um canal de Televisão, uma estação de Rádio, um canal no *YouTube*, um *website*, uma Escola *Online* de Cursos Bíblicos, além de estar presente em diversas plataformas digitais e redes sociais.

Para levar este projeto adiante, a equipa da *Novo Tempo Portugal* é composta por 13 colaboradores, sendo oito a tempo inteiro e cinco a tempo parcial. Além disso, conta com o apoio de dois Pastores, que dedicam parte do seu tempo ao acompanhamento espiritual daqueles que demonstram interesse pelos conteúdos dos programas.

Com esta estrutura, a Rede *Novo Tempo* continua a expandir a sua missão de ser o Canal da Esperança em Portugal, e no mundo!



Semana de Oração JA e Batismos

António Moreira | Dir. Comunicação IASD Guimarães
18 de março de 2025

De 8 a 15 de março, o Departamento de Jovens de Guimarães organizou a Semana de Oração de Jovens, tendo como orador convidado o irmão Rúben Fernandes, ancião da igreja de Espinho, com o tema “A Justiça de Cristo”.

As mensagens foram profundas e muito fortes espiritualmente, atraindo, cada noite,



a presença de muitos jovens e adultos, que manifestaram a sua necessidade de seguir no caminho do santuário.

Para terminar esta semana de bênçãos espirituais, encerrámos com uma cerimónia batismal, dirigida pela Pra. Rute Mesquita, em que seis jovens entregaram a sua vida à obediência de Cristo, descendo às águas batismais.

O Carlos, o Denilson, o Herikson, o Julaike, o Udson e a Silvânia tomaram a decisão que vai mudar para sempre a sua vida. Eles são o resultado do evangelismo de amizade, pela influência dos amigos da Igreja, que, com elevado sentido de missão, os atraíram para uma nova vida com Jesus.

No final da cerimónia, eles estavam felizes pela sua decisão, tendo vivido a experiência do batismo do Espírito Santo.

Em resposta ao apelo da Pra. Rute, outros seis jovens manifestaram a sua vontade de, em breve, tomarem a sua decisão por Jesus.

A Deus seja toda a honra e toda a glória!



Dedicação de crianças em Santarém

Pra. Inês Sasu | IASD Santarém
13 de março de 2025

No Sábado, dia 22 de fevereiro, tivemos na igreja de Santarém duas dedicações de crianças feitas pelo Pastor Paulo Neves, nosso convidado especial nesse dia. As famílias estão a crescer e é com alegria que vemos os pais a comprometerem-se com Deus nesta bela aventura de educar para Cristo. Por ou-

tro lado, a Igreja guiará e acompanhará estes rebentos durante o seu crescimento, sendo também um apoio espiritual importante. Que Deus nos abençoe e nos dirija nesta missão tão importante de moldar caracteres e apresentar Jesus aos nossos pequeninos.

“Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá.” Salmo 127:3.



Uma celebração de fé e renascimento – Igreja Adventista de Braga

Anabela Pego | IASD Braga
11 de abril de 2025

No passado dia 29 de março de 2025, a Igreja Adventista em Braga viveu um dia de grande emoção e alegria, com a realização de dois batismos e duas profissões de fé. Foi um momento de testemunho público do compromisso com Jesus Cristo, um marco na vida de cada um dos nossos irmãos e irmãs que escolheram seguir os Seus ensinamentos.

A celebração foi marcada por momentos de louvor, oração e reflexão, com a presença de familiares, amigos e membros da Comunidade. Juntos, celebrámos a decisão destes quatro irmãos em entregarem a sua vida a Deus e iniciarem uma nova jornada de fé.

Agradecemos a todos os que se juntaram a nós neste dia especial e que tornaram esta celebração memorável. Que a fé e o compromisso destes nossos irmãos e irmãs sejam uma inspiração para todos nós.

Que Deus continue a abençoar a nossa Comunidade!

ASSEMBLEIA ESPIRITUAL 2025

UNIDOS EM MISSÃO

EXPOCENTRO
POMBAL

MAIO

17

10h00-12h30
15h00 -17h00

CONVIDADO ESPECIAL

PR. ERTON KÖHLER

SECRETÁRIO-EXECUTIVO
DA CONFERÊNCIA GERAL

• ALMOÇO INTERCULTURAL • MÚSICA INTERCULTURAL •
BÊNÇÃO DE FINALISTAS • 120 ANOS DE GERAÇÕES • STANDS •

eu
VOU
MISÃO GLOBAL. AÇÃO LOCAL

